

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA**



Nelson Pedro Fonseca de Matos

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NO COLÉGIO DA
IMACULADA CONCEIÇÃO COM A TURMA DO 11.º B NO ANO LETIVO
2011/2012**

COIMBRA

2012

NELSON PEDRO FONSECA DE MATOS

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NO COLÉGIO DA
IMACULADA CONCEIÇÃO COM A TURMA DO 11.º B NO ANO LETIVO
2011/2012**

Relatório de estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Mestre Antero Abreu

COIMBRA

2012

Esta obra deve ser citada como: Matos, N.P.F. (2012). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido no Colégio da Imaculada Conceição junto da turma do 11.ºB, no ano letivo de 20011/2012*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE DO DOCUMENTO

Eu, Nelson Pedro Fonseca de Matos, aluno número 2008033363 do MEEFEBS da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original de minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido da alínea s) do artigo 3.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

NOTA DE ABERTURA

Foi, no já distante ano de 1988 que, chegado ao Colégio havia poucos dias, me apresentei nas turmas que me foram destinadas para lecionar. Entre essas turmas, estavam duas do 5.º ano onde lecionei Língua Portuguesa.

Na turma do 5.º E, cuja Direção de Turma havia sido entregue a um novato como eu no Colégio, o futuro P. José Lopes Sj, que viria, anos mais tarde, a ser Diretor Pedagógico do Colégio, havia um aluno, de nome Nelson Matos, vindo da Cruz de Morouços, um lugar pertencente à freguesia de Santa Clara, que fazia parte da área de influência do Colégio.

Desse tempo, em que tudo era novidade para mim e para ele no Colégio, recordo-me de algumas coisas: de outros alunos da turma, da participação da turma no Festival da Canção CAIC, com uma canção, que ainda hoje me pergunto porquê, ficou em último lugar na votação final. Dessa classificação, resultaram lamentações e choros vários, a que tive de dar a volta, uma vez que a maioria desses alunos constituía o coro que, no dia seguinte, ia animar a Eucaristia da Festa da Família.

Terminado o Ensino Básico, entra no Secundário, Área A, como então se designava, que funcionava no Colégio há apenas um ano, já com o sonho de vir a cursar algo relacionado com a Educação Física.

Concluído o Ensino Secundário ruma então para Escola Superior de Educação de Coimbra.

Decorria o ano de 2003, mais concretamente o dia 1 de fevereiro, quando quatro antigos alunos do Colégio, regressaram à casa de onde haviam saído uns anos antes, para lecionar a disciplina de Educação Física.

Entre eles estava o agora professor Nelson Matos que agora assumia as funções de docente e não já as de discente da Instituição. Era o reencontrar de uma cara conhecida, que nunca abandonara a casa, uma vez que por aqui foi continuando, mesmo depois de ter concluído o seu curso do Secundário, situação, aliás, comum a outros alunos que permanecem ligados ao Colégio e que com ele continuam a colaborar em diversas atividades.

Decorria o ano letivo de 2006/2007, quando foi chamado a novas responsabilidades, para além das aulas de Educação Física, ser Diretor de Turma do 6.º ano, em substituição de uma colega.

Dessa missão cumprida com êxito, resultou novo desafio para o ano seguinte: ser diretor de turma do 3.º Ciclo, função cumprida até ao momento presente.

Ao mesmo tempo foi assumindo papel de destaque no Desporto Escolar e Federado, treinando várias equipas do Colégio com assinalável êxito, quer femininas quer masculinas, tendo chegado a umas finais de Desporto Escolar com a equipa de juvenis masculinos.

Como pessoa, os anos que levamos de convívio, permite-me afirmar que é um professor disponível, prestável, responsável, com sentido de dever, e ao mesmo tempo, humilde para reconhecer aquilo que não sabe, mas ávido na procura do conhecimento.

Enfim, modéstia à parte, fruto de uma casa que tem como lema “Educar para servir”.

António José Franco (Diretor Pedagógico do CAIC)

AGRADECIMENTOS

Um dia Antoine de Saint-Exupéry disse: *“aqueles que passam por nós não vão sós, deixam um pouco de si e levam um pouco de nós.”* Ao longo destes dois anos do curso de Mestrado tive o privilégio de me encontrar com pessoas que em muito contribuíram para o produto que hoje aqui é apresentado. Deste modo, gostaria de lhes eternizar o meu mais profundo agradecimento.

À Direção do Colégio da Imaculada Conceição, por ter permitido a abertura deste núcleo de estágio e por me ter apoiado em todas as situações.

Ao Professor Orientador do Colégio, Professor Nuno Amado, pela amizade e por ter aceitado o desafio de orientar o meu estágio pedagógico.

Ao Professor Supervisor, Mestre Antero Abreu, pelo seu acompanhamento, partilha de conhecimentos e transmissão de saberes.

À Professora Margarida Nascimento, por ter partilhado a sua experiência e sabedoria adquiridas após largos anos na função de Diretora de Turma.

À Professora Ana Paula Santos, pela amizade manifestada.

Aos alunos do 11.ºB, pela forma como encararam as aulas e a mudança de professor. Pelo brio e empenho que colocaram em cada aula.

Aos amigos de sempre, pelas palavras de incentivo, encorajamento e disponibilidade.

À minha família, pelo apoio incondicional e inesgotável que me disponibilizaram sempre e sem reservas.

À Iryna, por tudo...

Para todos vós,

Muito Obrigado!

“A humildade consiste em alegrar-nos com tudo o que nos leva a reconhecer o nosso nada.”

Santo Inácio de Loyola

RESUMO

O currículo do curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário é constituído por diferentes disciplinas, cada uma com a sua especificidade. Contudo, todas elas permitem a aquisição de um conjunto diversificado de aprendizagens que, articuladas entre si, possibilitam uma intervenção pedagógica mais eficiente. O Estágio Pedagógico é o palco onde os conhecimentos adquiridos pelas diferentes disciplinas são concretizados. Durante este período, cabe a cada professor estagiário trilhar o seu caminho, procurando desvairadamente percursos e estratégias que permitam às “personagens principais” (alunos) a consecução não só dos seus objetivos, como do seu desenvolvimento harmonioso. O Relatório de Estágio Pedagógico é o documento que encerra uma longa e árdua etapa de formação pessoal, social e académica. Com a sua conclusão dá-se a transição do período de formação para o início da profissionalização. No presente relatório encontram-se descritos muitos dos conhecimentos adquiridos ao longo desta etapa de formação. Este relatório é o resultado da minha intervenção pedagógica e respetiva reflexão, realizada no Colégio da Imaculada Conceição, em Cernache, numa turma pertencente ao 11.º ano de escolaridade, sob a orientação do Professor Nuno Amado e com a supervisão do Mestre Antero Abreu. O Relatório de Estágio Pedagógico encontra-se estruturado em três partes distintas: a primeira alude à descrição relativa ao planeamento, realização e avaliação; a segunda refere-se à reflexão acerca de todo o trabalho desenvolvido ao longo do estágio e a terceira parte onde é apresentado um estudo sobre o feedback pedagógico.

Palavras-chave: Aprendizagens. Estratégias. Reflexão. Intervenção pedagógica. Planeamento.

ABSTRACT

The curriculum for the Master Degree of Teaching Physical Education in primary and secondary education is formed by different subjects, each of them with its own specificity. However different they are, they all allow the acquisition of a wide range of knowledge that when combined leads to a more efficient pedagogical intervention. The Teacher Training Degree is the stage where the knowledge acquired by the different subjects is put at practice. During this period, each student tries to find his direction, wildly looking for pathways and strategies with the purpose of enabling the “main characters” (the students themselves) to achieve their goals and their balanced development. The Teacher Training Degree report is the document that ends a long and arduous period of personal, social and academic education. Its conclusion means the transition from the training period to the beginning of professionalization. In this report the knowledge acquired during this period of education is registered. It also contains evidence of my pedagogical intervention and my reflection on it, while working at Colégio da Imaculada Conceição, in Cernache, with a class in year 11, under the guidance of teacher Nuno Amado and the supervision of Master Antero Abreu. The Teacher Training Report is divided into three different parts: the first refers to a description of the planning, implementation and evaluation phases; the second refers to the reflection on all the work done during this period and in the third one a study on the pedagogical feedback is presented.

Keywords: *Learning. Strategies. Reflection. Pedagogical Intervention and Planning.*

SUMÁRIO

RESUMO.....	IX
ABSTRACT.....	X
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – DESCRIÇÃO.....	2
1 – EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO	2
1.1 – As minhas expectativas	2
1.2 – Plano de Formação Individual	3
DIMENSÃO 1 – ATIVIDADES DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	4
1 – PLANEAMENTO.....	4
1.1 Recolha de informação.....	5
1.2 Plano Anual	6
1.3 Unidades didáticas	11
1.4 Planos de aula	16
2 - REALIZAÇÃO	17
2.1 Intervenção Pedagógica.....	17
2.2 Decisões de ajustamento	21
3 - AVALIAÇÃO.....	23
3.1 Avaliação diagnóstica	24
3.2 Avaliação formativa	25
3.3 Avaliação sumativa.....	25
DIMENSÃO 2 – ATITUDE ÉTICO-PROFISSIONAL.....	27
CAPÍTULO 2 – REFLEXÃO.....	28
1 – ENSINO-APRENDIZAGEM	28
1.1 Aprendizagens realizadas com o estágio	29
1.2 Compromissos com as aprendizagens dos alunos.....	32
1.3 Inovação nas práticas pedagógicas.....	34
2 – DIFICULDADES E NECESSIDADES DE FORMAÇÃO	36
2.1 Dificuldades sentidas e formas de resolução	36
2.2 Dificuldades a resolver no futuro (formação contínua).....	37
3 – ÉTICA PROFISSIONAL.....	38
4 – QUESTÕES DILEMÁTICAS	39
5 – CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL.....	41

5.1 Impacto do estágio na realidade do contexto escolar	41
5.2 Prática Pedagógica supervisionada	42
5.3 Experiência pessoal e profissional	43
CAPÍTULO 3 – ESTUDO SOBRE FEEDBACK.....	44
1 – ENQUADRAMENTO DO ESTUDO	44
2 – PERTINÊNCIA DO ESTUDO.....	45
3 – TEMA DO ESTUDO	45
4 – FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	46
5 – HIPÓTESES.....	46
6 – METODOLOGIA DE RECOLHA DE DADOS.....	46
6.1 Metodologia utilizada.....	46
6.2 Técnica de observação.....	47
6.3 Metodologia de registo de dados	47
6.4 Procedimentos no tratamento de dados.....	47
6.5 Dimensões e categorias de feedback	47
7 – DISCUÇÃO DE RESULTADOS.....	49
8 – CONCLUSÕES	57
BIBLIOGRAFIA	58
ANEXOS	61

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - FRAGILIDADES, OBJETIVOS E ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO INSCRITAS NO PLANO DE FORMAÇÃO INDIVIDUAL.	4
QUADRO 2 – REFERÊNCIAS TIDAS EM CONTA NA ELABORAÇÃO DO PLANEAMENTO	5
QUADRO 3 – UNIDADES DIDÁTICAS LECIONADAS AO LONGO DO ANO (ADAPTADO DO QUADRO DE EXTENSÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA).	11
QUADRO 4 – DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES DIDÁTICAS EM FUNÇÃO DO <i>ROULEMENT</i>	13
QUADRO 5 – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, PARA O ENSINO SECUNDÁRIO	26
QUADRO 6 – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, PARA O ENSINO SECUNDÁRIO – ALUNOS COM ATESTADO MÉDICO.	27
QUADRO 7 – DIFICULDADES SENTIDAS AO LONGO DO ESTÁGIO E FORMAS DE AS RESOLVER.	37
QUADRO 8 – DIMENSÕES E CATEGORIAS DE <i>FEEDBACK</i> , REFERIDAS POR SARMENTO (2004).	47
QUADRO 9 - QUADRO RESUMO DAS AULAS RELATIVAS À MODALIDADE INDIVIDUAL.....	52
QUADRO 10 - QUADRO RESUMO DAS AULAS RELATIVAS À MODALIDADE COLETIVA.	55
QUADRO 11 – RESULTADOS DO ESTUDO DE PIÉRON (1983), CIT POR CARDOSO (1992) ACERCA DA FORMA DO <i>FEEDBACK</i>	56

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - OBJETIVO DO <i>FEEDBACK</i> (AULA 1 DA UNIDADE DIDÁTICA DE UMA MODALIDADE INDIVIDUAL).	49
GRÁFICO 2 - FORMAS DO <i>FEEDBACK</i> (AULA 1 DA UNIDADE DIDÁTICA DE UMA MODALIDADE INDIVIDUAL).	49
GRÁFICO 3 - DIREÇÃO DO <i>FEEDBACK</i> (AULA 1 DA UNIDADE DIDÁTICA DE UMA MODALIDADE INDIVIDUAL).	50
GRÁFICO 4 - OBJETIVO DO <i>FEEDBACK</i> (AULA 2 DA UNIDADE DIDÁTICA DE UMA MODALIDADE INDIVIDUAL).	50
GRÁFICO 5 - FORMA DO <i>FEEDBACK</i> (AULA 2 DA UNIDADE DIDÁTICA DE UMA MODALIDADE INDIVIDUAL).	51
GRÁFICO 6 - DIREÇÃO DO <i>FEEDBACK</i> (AULA 2 DA UNIDADE DIDÁTICA DE UMA MODALIDADE INDIVIDUAL).	51
QUADRO 8 - QUADRO RESUMO DAS AULAS RELATIVAS À MODALIDADE INDIVIDUAL.....	52
GRÁFICO 7 - OBJETIVO DO <i>FEEDBACK</i> (AULA 1 DA UNIDADE DIDÁTICA DE UMA MODALIDADE COLETIVA).....	52
GRÁFICO 8 - FORMA DO <i>FEEDBACK</i> (AULA 1 DA UNIDADE DIDÁTICA DE UMA MODALIDADE COLETIVA).....	53
GRÁFICO 9 - DIREÇÃO DO <i>FEEDBACK</i> (AULA 1 DA UNIDADE DIDÁTICA DE UMA MODALIDADE COLETIVA).....	53
GRÁFICO 10 - OBJETIVO DO <i>FEEDBACK</i> (AULA 2 DA UNIDADE DIDÁTICA DE UMA MODALIDADE COLETIVA).....	54
GRÁFICO 11 - FORMAS DO <i>FEEDBACK</i> (AULA 2 DA UNIDADE DIDÁTICA DE UMA MODALIDADE COLETIVA).....	54
GRÁFICO 12 - DIREÇÃO DO <i>FEEDBACK</i> (AULA 2 DA UNIDADE DIDÁTICA DE UMA MODALIDADE COLETIVA).....	55

INTRODUÇÃO

Este relatório foi realizado no âmbito da disciplina de Estágio Pedagógico, uma das múltiplas que constitui o currículo do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O Estágio Pedagógico foi realizado no Colégio da Imaculada Conceição, em Cernache, sob a orientação do Professor Nuno Amado, com a supervisão do Mestre Antero Abreu.

O Estágio Pedagógico é um processo de aprendizagem de um conjunto de competências fundamentais e indispensáveis ao desempenho profissional de um professor que ambiciona estar preparado para enfrentar os desafios que a carreira docente lhe faculta. Piéron (1996) refere mesmo que *“este momento assume particular interesse na formação dos professores por ser uma etapa de convergência, de confrontação entre os saberes “teóricos” da formação inicial e os saberes “práticos” da experiência profissional e da realidade social do ensino”*. A realização do Estágio Pedagógico possibilita ao professor estagiário aprender a teoria e a prática, aprender as particularidades da profissão que vai exercer e conhecer a realidade do dia-a-dia de uma escola, assim como ter contacto com o grupo de alunos com quem irá trabalhar ao longo de um ano letivo.

Ao tomar contacto com as tarefas que o Estágio Pedagógico lhe proporciona, o professor estagiário deverá assimilar o máximo de experiências, quer do que observa, quer das suas vivências, pois a aprendizagem é mais eficaz quando é adquirida através da prática.

De acordo com Rodrigues (1997), *“o estágio é um momento de excelência de formação e de reflexão...corresponde a uma etapa fundamental na formação profissional dos professores”* (Piéron, (1996))

O relatório que aqui é apresentado encontra-se estruturado em três capítulos: no primeiro é realizada uma descrição pormenorizada de todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo, na turma B, do 11.º ano, nomeadamente no que se refere às expectativas em relação ao estágio, ao planeamento, à realização e à avaliação. O segundo capítulo engloba um conjunto de reflexões acerca da intervenção pedagógica, dificuldades e necessidades de formação, ética profissional, questões dilemáticas e conclusões acerca da formação inicial. O

terceiro e último capítulo diz respeito a um estudo de *feedback*, cujo objetivo é verificar se existem diferenças significativas relativamente à categoria de *feedback*, em unidades didáticas de modalidades individuais e coletivas.

CAPÍTULO 1 – DESCRIÇÃO

1 – EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO

1.1 – As minhas expectativas

Iniciar, novamente, um Estágio Pedagógico ao fim de oito anos gerou em mim um conjunto de sentimentos estranhos e contraditórios. Por um lado, alguma ansiedade e tensão por voltar a vivenciar uma experiência marcante como é um Estágio Pedagógico, por outro, uma grande vontade de recordar e experienciar os benefícios e vantagens desta prática.

Uma das minhas maiores expectativas para a consecução do Estágio Pedagógico, antes ainda de saber qual o meu centro de estágio e respetivos colegas, residia no facto de perceber se conseguiria conciliar as tarefas inerentes a esta Unidade Curricular, com o meu desempenho docente, ou seja, acumular as tarefas de professor estagiário com as de professor, Diretor de Turma, professor responsável por dois grupos/equipa do Desporto Escolar e Subcoordenador do Secretariado de Exames.

Após ter tomado conhecimento do centro de estágio que me estava atribuído, a etapa seguinte foi conhecer os meus colegas de estágio. O Jorge Lemos já conhecia, faltava-me conhecer o Gabriel Gomes. A primeira impressão que tive dele foi boa, pareceu-me dinâmico, interessado e com muita vontade em fazer coisas novas.

Por não ser o meu primeiro Estágio Pedagógico, por me encontrar a estagiar no Colégio onde trabalho, por conhecer o seu corpo docente e não docente e por conhecer o meu orientador de estágio, naturalmente que as expectativas não seriam as mesmas se tudo o que anteriormente foi referido fosse desconhecido para mim. Sabia que, estando a estagiar num Colégio da Companhia de Jesus, cujo lema é “Educar para Servir”, a minha atuação só poderia ser pautada pela competência, rigor, pontualidade, espírito de serviço e disponibilidade. Deste modo e debaixo desta tremenda responsabilidade, as minhas expectativas teriam que ser bastante

elevadas. Desde logo comecei por procurar afincadamente informações relativas à turma com a qual iria desenvolver o meu Estágio Pedagógico, recorrendo á preciosa colaboração da sua Diretora de Turma, que prontamente me disponibilizou todas as informações solicitadas. Analisei também o Projeto Curricular de Educação Física e o Programa Nacional de Educação Física com o intuito de perspetivar quais as unidades didáticas a lecionar. Consultei igualmente o inventário de material, o mapa de rotação dos espaços e as normas de funcionamento da disciplina de Educação Física.

Na fase inicial deste Estágio Pedagógico sabia que no final seria uma pessoa mais rica, pois iria ter a oportunidade de enfrentar novos desafios para os quais teria de procurar soluções que enriqueceriam a minha “bagagem profissional”, de onde poderiam advir competências e conhecimentos profissionais úteis para o meu futuro enquanto docente.

Apesar de ter já oito anos de serviço e de experiência como docente, sabia no início do estágio que tinha muito ainda para aprender e sabia também que não aprenderia tudo ao longo deste ano. Nos últimos oito anos trabalhei com alunos pertencentes a faixas etárias mais baixas e por isso as minhas expectativas em relação ao trabalho com alunos mais velhos. São alunos que, pela sua maturação tendem a ter comportamentos e interesses diferentes e, por isso, estava curioso em saber como me iria adaptar a esta nova realidade.

1.2 – Plano de Formação Individual

De acordo com Costa et al (1996), “o Planeamento da Formação consta da tomada de um conjunto de decisões que define a natureza dos diferentes momentos de atividade para a satisfação das necessidades de formação e permite estabelecer a sequência de desenvolvimento da sua implementação. Esta fase culminará na conceção de um Plano de Formação Individual”.

O Plano de Formação Individual foi um documento elaborado durante o mês de outubro do ano letivo corrente e manifestou-se como um dos mais importantes para o meu desempenho no estágio. Nele foram definidos um conjunto de objetivos a atingir, fragilidades evidenciadas e formas de as superar.

Tendo sempre presente que o ato educativo pressupõe uma atitude reflexiva, o Plano de Formação Individual resultou disso mesmo: uma reflexão detalhada

sobre esse ato, com a colaboração do Professor Orientador e restantes colegas de estágio.

O quadro que se segue sistematiza essas fragilidades, objetivos e estratégias de superação.

Fragilidade	Objetivo	Estratégia de superação
•Dificuldade em motivar os alunos.	•Aumentar a motivação dos alunos.	•Dialogar mais com os alunos fora do contexto de aula.
•Comunicação com os alunos na emissão de feedbacks.	•Melhorar a comunicação com os alunos durante a emissão de feedbacks.	•Simplificar a minha linguagem durante a emissão de feedbacks.
•Reduzida utilização do questionamento aos alunos.	•Aumentar a frequência da utilização do questionamento.	•Utilizar mais frequentemente o questionamento para aferir os seus conhecimentos.
•Selecionar e adequar as “melhores” progressões pedagógicas às dificuldades dos alunos.	•Melhorar a minha capacidade de seleção das progressões pedagógicas, de acordo com as dificuldades dos alunos.	•Observar aulas de colegas e do orientador de estágio; •Consultar mais bibliografia.

Quadro 1 - Fragilidades, objetivos e estratégias de superação inscritas no Plano de Formação Individual.

DIMENSÃO 1 – ATIVIDADES DE ENSINO-APRENDIZAGEM

As atividades de ensino-aprendizagem encerram em si três grandes competências profissionais da prática docente: o planeamento do ensino, a condução do ensino-aprendizagem (realização) e a avaliação. Seguidamente serão descritas cada uma dessas competências.

1 – PLANEAMENTO

Independentemente do trabalho que se pretenda realizar, o seu planeamento é fundamental. Trata-se de uma tarefa de elevada importância, pois através dela é possível minimizar erros e antever dificuldades. Garganta (1991) refere que “*planear ou planificar, significa descrever e organizar antecipadamente, os objetivos a atingir, os meios e métodos a aplicar*”. Alves (1991) vai mais além ao referir que “*planear é*

antecipar o futuro”, o que significa que o professor deve avaliar e corrigir permanentemente o percurso que o aluno está a seguir, para que alcance os objetivos propostos. No entanto o Planeamento por si só não garante o alcance dos objetivos traçados. Existem fatores extrínsecos que poderão influenciar de forma decisiva toda a ação previamente planificada.

O Planeamento deverá ser realizado a longo (plano anual), médio (unidades didáticas) e curto prazo (plano de aula).

1.1 Recolha de informação

Para possibilitar a diminuição de incertezas durante o planeamento de uma qualquer atividade é importante que o professor recolha a maior quantidade possível de informação. Esta atitude irá reduzir imprevisibilidade, incerteza e erro. Trata-se de um trabalho pré-interativo em que o professor antecipa a sua ação sobre os alunos.

Para o planeamento deste ano de estágio senti necessidade de recolher informações a vários níveis. Uma relacionadas com o Colégio (embora este fosse o meu local de trabalho habitual, existiam pormenores para os quais não estava desperto e que senti necessidade de obter informações), outras relacionadas com a turma e outras relacionadas com a disciplina de Educação Física.

O quadro que se segue refere-se às informações recolhidas por mim, para a elaboração do planeamento do meu estágio.

Informações relativas ao Colégio	Informações relativas à turma	Informações relativas à disciplina de Educação Física
<ul style="list-style-type: none"> • História do Colégio; • Caracterização do meio; • Contrato de Autonomia Pedagógica; • Plano Anual de Atividades; • População escolar; • Planta topográfica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ficha biográfica dos alunos; • Diálogo com o professor de Educação Física da turma, no ano anterior. • Projeto Curricular de Turma; • Consulta das pautas e relatórios de avaliação da turma, do ano letivo anterior. 	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Curricular de Educação Física; • Programa Nacional de Educação Física; • Rotação de espaços (<i>roulement</i>); • Recursos humanos, materiais e espaciais; • Recursos materiais.

Quadro 2 – Referências tidas em conta na elaboração do Planeamento

1.2 Plano Anual

De acordo com Bento (1998), o plano anual é “ *um plano de perspectiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas. Os objetivos indicados para cada ano, no programa ou normas programáticas, são objeto de uma formulação avaliável e concreta para professores e alunos. Constitui, pois, um plano sem pormenores da atuação ao longo do ano, requerendo, no entanto, trabalhos preparatórios de análise e de balanço, assim como reflexões a longo prazo. Os detalhes e demais medidas didático-metodológicas são reservados para os planos das unidades temáticas ou didáticas e para o projeto de cada aula, numa sequência lógica que aqui tem o seu início*”.

O plano anual, de acordo com o referido autor, é o documento que norteia a ação do professor. Desse documento derivam o planeamento das unidades didáticas e respetivos planos de aulas. A realização do plano anual pressupõe o conhecimento de um conjunto de aspetos que permitam a sua exequibilidade. Este documento não é algo estanque ou imutável, é antes um instrumento que funciona como guia ou linha orientadora do processo de ensino/aprendizagem.

Em reuniões de núcleo de estágio, tendo em conta as diversas unidades didáticas contempladas no Projeto Curricular de Educação Física do Colégio para o 11.º ano e, uma vez que todos os membros do núcleo de estágio desenvolveram o seu trabalho de lecionação no mesmo ano de ensino, foram selecionadas em concertação com o Professor Orientador, as unidades didáticas a lecionar. Estas foram definidas tendo em conta as condições espaciais e materiais do Colégio. Assim, a elaboração deste documento começou a ser delineada logo que o Coordenador de Departamento Curricular entregou a cada professor o *roulement* (Anexo 1). Com base nessa distribuição e tendo em conta que em cada espaço apenas é possível a lecionação de determinadas unidades didáticas, estas foram distribuídas pelos vários períodos letivos.

Uma vez que o plano anual não é um “pronto-a-vestir de tamanho único”, foi igualmente definida em reunião de núcleo de estágio a sua estrutura e organização, cabendo a cada professor estagiário “personalizá-lo” de acordo com os objetivos traçados e em função do espaço que ocupa no *roulement*.

Uma vez que o Departamento de Educação Física do Colégio trabalha há já vários anos com o sistema de rotação de espaços, não foi possível realizar a

avaliação diagnóstica de todas as unidades didáticas a lecionar, no início do ano, como o programa da disciplina preconiza.

1.2.1 História do Colégio

A Companhia de Jesus fora expulsa de Portugal em 1910, pela Primeira República Portuguesa. A catividade dos jesuítas, ministérios apostólicos, ensino e a formação de novos membros continuou, no exílio, sobretudo em Espanha: S. Martin de Trevejo, La Guardia e Oya. A partir de 1923, começaram a entrar, discretamente, em Portugal. O Noviciado e o Juniorado foram instalados num velho convento de Entre-os-Rios que passou, depois, para Guimarães (Convento da Costa), o Colégio de La Guardia foi instalado no Hotel das Caldas da Saúde, perto de Santo Tirso e a Escola Apostólica em Macieira de Cambra. A Nova Constituição da República, promulgada em 19 de Março de 1933, fruto de uma nova mentalidade facilitada pelo golpe de 28 de Maio de 1926, no artigo 45.º, permite que a Igreja Católica se organize livremente e constitua as suas organizações a que o Estado reconhece existência legal e personalidade jurídica. A Companhia entendeu que estariam automaticamente revogadas as leis pombalinas e o decreto de 8 de Dezembro de 1910. Os jesuítas, atentos a todos os desenvolvimentos políticos sentiam-se claramente abrangidos por este Artigo 45.º e começaram a projetar construções próprias e mais adequadas à formação.

A primeira grande construção foi a do Noviciado em Soutelo (Braga) numa quinta oferecida pelos Viscondes da Torre. Mas esta história passa por Cernache! Na Consulta da Província de 16 de Maio de 1942, fala-se da possibilidade de comprar uma quinta para o Colégio da Imaculada Conceição. O P. Geral, P. Janssens, aprovava a ideia e o Assistente escrevia ao P. Provincial a dar ânimo ao projeto. A escritura da compra da quinta foi feita em 30 de Setembro de 1942. Em Maio do ano seguinte começaram as observações técnicas para a construção de uma casa.

Em 1944, já se diz que estão a trabalhar ativamente na planta do novo Noviciado, mas que os recursos eram magros para os tempos que corriam.

Na consulta de Julho de 1944, transparece um grande otimismo ao ler-se que havia motivos para que se comesse quanto antes as obras e deliberou-se sobre o

modo como fazê-las: por conta própria ou através de um empreiteiro? Decidiram que fosse entregue a um construtor.

Na consulta de Março de 1945, dá-se a notícia que a Condessa da Torre se inclinava a dar a quinta aos jesuítas e pensaram, então, fazer aí a Escola Apostólica. Quanto a Cernache, já existia uma planta provisória e faziam-se diligências para conseguir participações.

Em Abril de 1947, a Viscondessa da Torre dá definitivamente o solar com o respetivo recheio e a quinta à Companhia de Jesus.

Finalmente foi tomada a decisão de se construir um pavilhão em Cernache. No diário da Estação de Cernache consta a chegada, no dia 17 de Março de 1953, dos Padres Cardoso e Abel Guerra acompanhados de um arquiteto e um topógrafo para fazerem o estudo do terreno em ordem à elaboração de uma planta para uma casa a construir ali. O P. Provincial dizia ao P. Gonçalves, em 24 de Dezembro de 1953, que o projeto da obra a construir em Cernache, o Seminário Apostólico, feito pelo Ministério do Ultramar estava quase pronto. No dia 21 de Setembro de 1954, um empreiteiro, um arquiteto, um engenheiro, juntamente com o P. Guerra, marcaram definitivamente o local onde viria a ser construída a casa. A primeira pedra foi benzida e colocada pelo Reverendíssimo Sr. D. Ernesto Sena de Oliveira, Arcebispo de Coimbra, no dia 15 de Dezembro de 1954, estando presentes D. João de Deus Ramalho SJ, bispo emérito de Macau e o Sr. D. Manuel de Jesus Pereira, sendo Provincial o P. José Craveiro. Foi-lhe dado o nome de Colégio da Imaculada Conceição por se viver, na ocasião, o centenário da definição do dogma da Imaculada Conceição.

No dia 22 de Agosto de 1955, foi lida a patente de Vice-Reitor do Colégio ao P. Isidro Pereira, que foi elevado a Reitor, no dia 8 de Dezembro do ano seguinte.

O P. José Craveiro, por ocasião da celebração dos 75 anos da Província Portuguesa restaurada, fez uma comunicação à Província, na qual, entre muitos outros assuntos, abordou a questão do Colégio Apostólico de Cernache. Esperava inaugurar, em 27 de Setembro desse ano de 1955, o novo Colégio Apostólico para o 1º ciclo dos Liceus.

E foi assim que, a pouco e pouco, com a boa administração de um jesuíta, Diretor do Colégio e antigo aluno dele, se ampliou e chegou a esta bela construção que se vê agora, quase irreconhecível para aqueles que cá chegaram, precisamente em 25 de Outubro de 1955.

1.2.2 Caracterização do meio

O Colégio está situado em Cernache, uma pequena localidade de cerca de 4000 habitantes a 4km de Condeixa e 8Km de Coimbra, sede do Concelho. Integrado na rede escolar da Região Centro, serve prioritariamente uma área geográfica circundante de aproximadamente 50 km², acolhendo igualmente muitos alunos provenientes de lugares mais distantes que manifestam interesse no projeto de formação que proporciona.

Perspetivando o futuro, o Colégio, preocupa-se com a melhoria permanente da qualidade da formação proporcionada aos alunos e com uma cada vez maior integração no meio em que se encontra inserido. Simultaneamente investe no aprofundamento dos laços de amizade e colaboração que já proporcionam ao Colégio um ambiente familiar, alegre e descontraído.

O Colégio é um dos três colégios da Província Portuguesa da Companhia de Jesus e tem Contrato de Associação com o Estado Português, desde Outubro de 1978. Trata-se, por isso, de um estabelecimento de ensino gratuito. O lema do Colégio, “Educar para Servir”, que radica profundamente nos valores do Evangelho e no *Ad Maiorem Dei Gloriam* de Santo Inácio de Loyola, fundador dos Jesuítas, é um apelo constante aos educadores para que coloquem ao serviço dos alunos o dom da sua vocação.

Sendo o Colégio uma instituição da Companhia de Jesus, este tem como finalidade a formação dos seus alunos como Homens autênticos na sua tríplice dimensão: pessoal, social e religiosa.

Na sua dimensão pessoal, um aluno do Colégio deverá ser munido de responsabilidade, liberdade, equilíbrio e maturidade, dotado de imaginação, criatividade, constância e firmeza no trabalho. Relativamente à dimensão social o aluno deve aprender no Colégio a ser “*um homem para os outros, numa atitude de serviço e amizade; a viver em solidariedade e compromisso excluindo todo o espírito manipulador dos outros*” (Excerto do ideário dos Colégios da Companhia de Jesus em Portugal). No que se refere à dimensão religiosa, ao aluno deverão ser proporcionados “*momentos de instrução e de vivência, o sentido cristão da vida...que o oriente nas relações pessoais com Deus e com os outros*” (Excerto do ideário dos Colégios da Companhia de Jesus em Portugal).

1.2.3 Estrutura organizativa do Colégio

Atualmente o Colégio da Imaculada Conceição tem como Diretor Geral o P. José Carlos Belchior Sj, e como Diretor Pedagógico, o Professor António José Franco. Trata-se do primeiro Diretor Pedagógico leigo, uma vez que, até ao ano letivo anterior, esse cargo fora sempre assumido por padres jesuítas. Da Direção Pedagógica fazem ainda parte os Diretores do Segundo Ciclo, Professor João Xavier, do Terceiro Ciclo, Professor Nelson Matias e como Diretor do Ensino Secundário, o Professor António Manuel Meneses. O Diretor financeiro do Colégio é o Sr. Eduardo Eufrásio.

No que toca ao corpo docente e não docente, o Colégio é constituído por sessenta e nove docentes e vinte e oito não docentes.

1.2.4 Recursos humanos, espaciais e materiais

Relativamente aos recursos humanos, o Departamento de Educação Física é constituído por sete professores, todos eles pertencentes ao Quadro de Nomeação Definitiva do Colégio. O Colégio dispõe de um Prefeito, responsável pelo pavilhão polidesportivo, arrecadação do material desportivo e zonas desportivas descobertas.

Para além de lecionarem a disciplina de Educação Física, todos os professores são responsáveis por dois grupos/equipa de Desporto Escolar, nas modalidades de Voleibol, Andebol ou Xadrez.

No que se refere aos recursos espaciais, o Colégio dispõe de um pavilhão polidesportivo coberto (27mX50m), contendo as seguintes marcações: quatro campos de Voleibol; nove campos de Mini Voleibol; quatro campos de Basquetebol, um campo de Andebol e seis campos de Badminton. Para além disso, o Colégio possui uma parede de escalada fixa, contendo quatro vias. Junto ao pavilhão polidesportivo, existe ainda uma sala de Ginástica (20mX12m). Relativamente às zonas desportivas descobertas, o Colégio dispõe de um campo de Futebol, três campos de Basquetebol, dois campos de Voleibol, uma caixa de saltos e duas pistas de corrida de velocidade. Para que os alunos se possam equipar e desequipar, o Colégio disponibiliza quatro balneários masculinos e quatro femininos. Dispõe ainda de um gabinete médico, dois gabinetes de Professores e dois gabinetes de Prefeitos.

No concernente aos recursos materiais (associados à disciplina de Educação Física), considero que o Colégio se encontra bem apetrechado. Tendo em conta a conjuntura económica do Mundo em geral e de Portugal em particular, julgo que o Colégio disponibiliza aos seus alunos e professores um vasto leque de equipamentos que lhes permite desenvolver o seu trabalho com qualidade. A lista do material desportivo que o Colégio dispõe, pode ser consultada em anexo (Anexo 2).

1.2.5 Caracterização da população escolar

No ano letivo em curso o Colégio possui 819 alunos distribuídos por 28 turmas do ensino regular e 6 turmas dos Cursos de Educação e Formação e Cursos Profissionais. No Segundo Ciclo frequentam o Colégio duzentos e vinte alunos, divididos por oito turmas. No Terceiro Ciclo, nas treze turmas estudam trezentos e quarenta alunos. No Ensino Secundário estudam cento e setenta e nove alunos, distribuídos por sete turmas. Nos cursos de Educação e Formação e no Ensino Profissional estudam oitenta alunos.

1.3 Unidades didáticas

Como ficou descrito no ponto 1.2, os professores estagiários e o Professor Orientador definiram quais as unidades didáticas a abordar ao longo do ano letivo. Definida a sua estrutura e organização, ficou cada professor estagiário responsável por realizar as adaptações consideradas necessárias em função da turma ao seu encargo. O quadro que a seguir é apresentado sintetiza as unidades didáticas lecionadas ao longo do ano letivo.

1 – Jogos desportivos e coletivos				2 – At. Rítmicas expressivas	3 - Jogos tradicionais e populares	4 – At. de exploração da natureza
Jogos coletivos	Ginástica	Atletismo	Raquetas			
<ul style="list-style-type: none"> •Andebol •Basquetebol •Futebol •Voleibol 	<ul style="list-style-type: none"> •Acrobática •Aparelhos •Solo 	<ul style="list-style-type: none"> •Corridas •Saltos •Lançamentos 	<ul style="list-style-type: none"> •Badminton 			<ul style="list-style-type: none"> •Orientação
<p>A.Desenvolvimento das capacidades motoras condicionais;</p> <p>B.Aprendizagem dos processos de desenvolvimento e manutenção da condição física;</p>						

Quadro 3 – Unidades didáticas lecionadas ao longo do ano (adaptado do quadro de extensão da Educação Física).

As unidades didáticas foram elaboradas antes do início da sua lecionação, contendo a história e caracterização da modalidade, regras e regulamentos, terminologia específica, regras de segurança, transporte e montagem do material, recursos, bibliografia e avaliação. Após a realização da avaliação diagnóstica e de acordo com o desempenho motor dos alunos, cada professor estagiário determinou as habilidades motoras a lecionar e respetivas progressões pedagógicas. Definiu igualmente a extensão e sequência de conteúdos a abordar. Após a avaliação sumativa, cada professor estagiário realizou o balanço da unidade didática e completou as referências bibliográficas.

Na referida reunião entre o Professor Orientador e os professores estagiários ficou definido que as unidades didáticas a lecionar ao longo do ano letivo seriam as seguintes: ginástica de solo, ginástica de aparelhos, voleibol, andebol, badmínton, basquetebol, ginástica acrobática, orientação, atletismo e futebol.

As unidades didáticas de ginástica de solo e de aparelhos foram as primeiras a ser lecionadas, uma vez que, de acordo com o plano de rotação de espaços, no início do ano, a turma do 11.º B coincidiu naquele espaço (sala de ginástica).

Em seguida foram abordadas as unidades didáticas de voleibol e andebol (Espaço 1), uma vez que nesse espaço só é possível lecionar-se para além dessas duas unidades, a unidade de atletismo. Uma vez que a turma iniciou o ano com a lecionação de duas unidades didáticas de modalidades individuais, entendo fazer sentido incluir duas modalidades coletivas, intercalando deste modo modalidades individuais com modalidades coletivas.

No início do segundo período estava previsto iniciar a rotação no Espaço 2, onde se podem lecionar as unidades didáticas de basquetebol, futebol e badmínton. Optei pela lecionação das unidades didáticas de badmínton e basquetebol, uma vez que são duas modalidades que podem ser lecionadas no interior do pavilhão (de forma a evitar as condições climatéricas adversas no espaço exterior próprias da estação do ano). Para além deste aspeto, permitiu um equilíbrio entre o número de unidades didáticas de desportos individuais e de desportos coletivos lecionadas. Outro fator que foi tido em conta prendeu-se com o facto de o Colégio dispor de um campo de futebol exterior, que permite a existência de mais e melhores condições para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dessa modalidade, podendo esta ser lecionada na última rotação de espaço.

Seguiu-se a lecionação das unidades didáticas de ginástica acrobática e de orientação, uma vez que o plano de rotação de espaços me indicava que o 11.ºB deveria ocupar esse espaço. Como já haviam sido lecionadas as unidades didáticas de ginástica de solo e de aparelhos, as unidades que faltavam lecionar e que podiam ser lecionadas neste espaço eram as de ginástica acrobática e de orientação.

Por fim, foram lecionadas as unidades didáticas de atletismo e de futebol, por serem duas matérias que podem ser lecionadas nos espaços exteriores, conferindo aos alunos e ao professor estagiário, mais e melhores condições de desenvolvimento do seu trabalho.

Apesar das unidades didáticas e respetiva calendarização terem sido definidas no início do ano letivo, ficou acordado entre o Professor Orientador de Estágio e respetivos professores estagiários que os últimos teriam autonomia para ajustar essa calendarização, desde que cabalmente justificada.

1.º PERÍODO		2.º PERÍODO		3.º PERÍODO	
Rotação 1	Rotação 2	Rotação 3	Rotação 4	Rotação 5	Rotação 6
15/09 a 28/10	31/10 a 16/12	03/01 a 03/02	06/02 a 23/03	10/04 a 11/05	14/05 a 08/06
SALA DE GINÁSTICA	ESPAÇO 1	ESPAÇO 2	SALA DE GINÁSTICA	ESPAÇO 1	ESPAÇO 2
<ul style="list-style-type: none"> •Ginástica de solo •Ginástica de aparelhos 	<ul style="list-style-type: none"> •Voleibol •Andebol 	<ul style="list-style-type: none"> •Badmínton •Basquetebol 	<ul style="list-style-type: none"> •Ginástica Acrobática •Orientação 	<ul style="list-style-type: none"> •Atletismo 	<ul style="list-style-type: none"> •Futebol

Quadro 4 – Distribuição das unidades didáticas em função do roulement.

1.3.1 Estratégias de implementação das unidades didáticas

As estratégias que seguidamente se apresentam foram as que, de uma forma geral utilizei durante a lecionação das diferentes unidades didáticas. A primeira aula de cada unidade didática foi consagrada à realização da avaliação diagnóstica dos alunos, aferindo deste modo o nível inicial da turma. A avaliação diagnóstica permitiu-me planificar as atividades a desenvolver, em função do nível dos alunos e utilizar as estratégias mais adequadas de forma a contribuir para o sucesso e persecução dos objetivos previamente determinados. Em todas as unidades didáticas tive o cuidado de recorrer à diferenciação pedagógica como forma de garantir a igualdade de oportunidades a todos os alunos. Deste modo, foram

propostas tarefas com diferentes graus de dificuldade, adequadas aos diferentes níveis de execução existentes na turma. O grau de complexidade e especificidade das tarefas propostas foram aumentando gradualmente e de forma progressiva no decurso das aulas.

Os conteúdos técnicos foram abordados em duas etapas distintas: a primeira, constituída por exercícios critério, onde se pretendeu ensinar as principais componentes críticas dos vários gestos técnicos e a segunda, constituída por exercícios, onde os alunos realizaram os gestos técnicos na sua globalidade.

No início do ano letivo iniciei a planificação das aulas recorrendo ao trabalho por estações. Com o decorrer das aulas fui-me apercebendo que a turma se sentia confortável e motivada com este tipo de organização. Por um lado eram visíveis as melhorias técnicas dos alunos, por outro lado os alunos sentiam-se motivados e empenhados. Uma vez que este tipo de organização se mostrou adequada e profícua, entendi utilizá-la ao longo da maioria das unidades didáticas, exceção feita à unidade didática de orientação.

Desde o início do ano que procurei criar rotinas nos alunos. Penso que a criação de rotinas permitiu rentabilizar o tempo de aula e facilitou a sua organização.

Nas aulas de Educação Física, a segurança assume um lugar de elevada importância. Neste sentido, procurei que as aulas decorressem dentro da máxima segurança, para que a integridade física dos alunos não fosse colocada em risco. Procurei consciencializar os alunos para o cumprimento de determinadas normas, procurando evitar situações potencialmente perigosas e causadoras de lesões. No início de cada aula verifiquei se os alunos eram portadores de objetos que prejudicassem o desenrolar da mesma ou que pudessem provocar lesões (relógios, fios, pulseiras, brincos ou outros objetos perigosos).

Antes do início de cada aula, verifiquei o estado de conservação do material desportivo (bolas vazias ou aparelhos gímnicos deteriorados por ex.). Ao detetar anomalias no material desportivo, tomei as diligências necessárias e adequadas à situação, informando o Prefeito do pavilhão que, por sua vez agilizou os meios de forma a garantir que a aula decorresse com normalidade e sem atrasos.

Cada unidade didática encerra em si um conjunto de habilidades específicas que se espera que sejam estimuladas e aperfeiçoadas. Deste modo, procurei utilizar em cada unidade didática formas de aquecimento diferentes, tendo em conta a sua

especificidade, com o objetivo de estimular habilidades, movimentos e ações próprias dessa modalidade.

Foi recorrente nas minhas aulas o recurso à demonstração, habitualmente realizada por alunos com níveis de desempenho bastante elevados, utilizando-os como “agentes de ensino”.

Relativamente à minha colocação no espaço de aula, preocupei-me em posicionar-me de modo a manter o maior número de alunos sob o meu campo de visão, circulei pelo espaço de aula e informei os alunos acerca da sua prestação.

Se a primeira aula de cada unidade didática foi destinada à realização da avaliação diagnóstica, a avaliação sumativa foi realizada na última aula da mesma.

Relativamente aos alunos impedidos de realizar as aulas práticas, por doença prolongada ou pontual, tiveram sempre tarefas específicas durante as aulas, nomeadamente relatórios de aula, avaliações aos colegas (descrição do modo de executar as tarefas, principais dificuldades, avaliação qualitativa dos colegas de turma), ajudas, organização da aula e trabalhos escritos sobre as unidades didáticas abordadas.

Estas foram algumas das estratégias utilizadas ao longo da implementação das várias unidades didáticas. Pontualmente e de acordo com o desenrolar das aulas, houve necessidade de incrementar outras estratégias.

1.3.2 Sistema de avaliação das unidades didáticas

O sistema de avaliação das unidades didáticas foi o utilizado pelo Departamento de Educação Física do Colégio, após aprovação em sede de Conselho Pedagógico. De uma forma superficial, o sistema de avaliação consistiu na classificação (na escala de 0 a 5) de cada um dos elementos a avaliar (serviço por baixo, manchete, avião, ponte, situação de jogo, etc.), em grelhas criadas num ficheiro Excel, fazendo este os respetivos cálculos. Em cada uma das grelhas foram inseridas as respetivas fórmulas matemáticas que permitiram a atribuição das classificações dos alunos (na escala de 0 a 20 valores). Este sistema de avaliação será apresentado em maior detalhe no ponto 3 deste capítulo.

1.4 Planos de aula

O plano de aula é uma forma de planificação a curto prazo, em que o professor procura organizar e estruturar a sua aula e respetivas tarefas, com vista à aquisição de aprendizagens. Este documento deverá ser um instrumento funcional, objetivo e de consulta simples.

O modelo e plano de aula adotado pelo núcleo de estágio foi uma das primeiras tarefas a desenvolver. Tendo em conta o descrito no ponto E.1.1.1.3 do Guia de Estágio para o ano letivo de 2011/2012, em reunião do núcleo de estágio foi da concordância de todos a utilização do modelo (Anexo 3) tripartido referido por Quina (2009), que considera “*a aula composta por três momentos articulados de forma coerente*”: De acordo com o autor, os momentos assumem a designação de parte inicial, parte intermédia e parte final. Em núcleo de estágio e tendo em conta os ensinamentos apreendidos durante o primeiro e segundo semestres do curso de Mestrado, entendemos “chamar” à parte intermédia, parte fundamental.

Em todas as aulas, optei por dividir a parte inicial da aula em dois momentos distintos: o primeiro, de índole verbal, dedicado à verificação das presenças dos alunos, explicitação dos conteúdos a desenvolver e objetivos a atingir; o segundo momento, de natureza ativa, dedicado à adaptação do organismo ao exercício físico. Relativamente ao segundo momento, procurei selecionar atividades/exercícios que permitissem a ativação geral dos alunos e simultaneamente permitissem o *transfer* para as tarefas a desenvolver na parte fundamental.

A parte fundamental é das três, a mais longa e é nela que são introduzidos, exercitados e/ou consolidados os conteúdos da aula. A sua organização varia em função dos objetivos a alcançar e das unidades didáticas a lecionar. Na maioria das aulas que lecionei, optei por organizá-las predominantemente por estações, por verificar que esta forma de organização se mostrou bastante adequada, elevando positivamente a motivação e o empenhamento motor dos alunos.

A parte final da aula tem como objetivo fundamental o retorno do organismo à calma. Para esse efeito realizei tarefas com pouca ou reduzida atividade motora, nomeadamente exercícios de alongamento. Nesta fase da aula emiti alguns *feedbacks*, informei acerca dos conteúdos a abordar na aula seguinte e com a ajuda dos alunos, arrumei o material utilizado.

2 - REALIZAÇÃO

Se o planeamento diz respeito à fase pré-interativa da ação pedagógica, em que o professor toma decisões antes de contactar com a turma, a realização refere-se à fase interativa do ato pedagógico. Esta diz respeito à intervenção pedagógica do professor durante o desenvolvimento da sua ação junto dos alunos.

2.1 Intervenção Pedagógica

A intervenção pedagógica corresponde aos momentos de lecionação, em que o professor decide e adequa a sua intervenção, gerindo os *“acontecimentos que ocorrem nas aulas”* (Quina, 2009), resultantes dos comportamentos quer dos alunos, quer dele próprio.

Como referem Sidentop & Eldar, (1989) *“conhecer a matéria não é condição suficiente para alcançar a eficácia pedagógica ou para se ser um especialista do ensino, é necessário possuir um sólido conhecimento da matéria e dominar um vasto repertório de habilidades de ensino”*.

A qualidade da intervenção pedagógica depende em grande escala do domínio de um conjunto de técnicas que conduzem à aprendizagem dos alunos. Contudo, *“não são as técnicas que constituem a estratégia, mas é a estratégia global planeada que as estrutura numa ação coerente e orientada para o sucesso”* (Roldão, 2009).

A mesma perspetiva têm Brophy, (1974) e Medley, (1979), cit em Rebelo (2009), referindo que *“o resultado final de uma aprendizagem escolar depende, em grande parte, da forma como o professor conduz o ensino”*.

De acordo com Piéron(1992) e Siedentop (1976), a intervenção abarca quatro dimensões, cada uma com determinadas características. A conjugação dessas dimensões permite o alcance de uma melhor intervenção pedagógica. Em seguida serão indicadas e explicitadas cada uma dessas dimensões.

2.1.1 Instrução

A dimensão instrução diz respeito ao conjunto de comportamentos e técnicas de intervenção pedagógica que constituem o repertório do professor com vista à

emissão de informação relevante. Da instrução fazem parte as preleções, as demonstrações, o questionamento e o *feedback*.

Ao longo das aulas que lecionei, as preleções foram utilizadas predominantemente no início de cada uma, em que apresentei os objetivos e conteúdos da aula, relacionando-os com os das aulas anteriores. Utilizei-as também na explicitação do modo de organização e disposição espacial das mesmas. Para o efeito, procurei utilizar uma linguagem que veiculasse a terminologia específica da disciplina mas igualmente inteligível e perceptível por parte de todos os alunos. Em episódios de instrução foi recorrente a utilização dos quadros existentes no pavilhão, onde pude registar e representar alguns exercícios/tarefas a desenvolver nas aulas e afixar alguns documentos auxiliares das aulas (documentos de apoio contendo as componentes críticas e erros mais comuns de determinados gestos técnicos). A utilização desta estratégia permitiu-me despende menos tempo, potenciando o tempo de empenhamento motor dos alunos.

A demonstração é uma técnica utilizada pelo professor com o objetivo de permitir ao executante a perceção da realização do gesto técnico pretendido, de acordo com as suas componentes críticas fundamentais. Ela pode ser utilizada em momentos distintos da aprendizagem. Contudo, nas aulas que lecionei a sua utilização ocorreu fundamentalmente antes da tarefa, com a apresentação de fotografias e/ou vídeos, e durante a tarefa, após verificar a existência de múltiplas incorreções técnicas por parte dos alunos.

O questionamento é outra das técnicas de que os professores se servem para envolverem os alunos na aula, estimularem a sua capacidade de reflexão e verificarem a assimilação dos conteúdos transmitidos. O questionamento foi utilizado por mim, principalmente nas partes fundamental e final da aula, embora com objetivos claramente diferentes. Em relação à primeira, com o intuito de colocar os alunos a refletirem sobre o seu desempenho e formas de superar dificuldades (descoberta guiada). Na segunda, para aferir os conhecimentos dos alunos e verificar o seu grau de interesse e atenção durante as aulas.

Relativamente ao *feedback*, irei dedicar o capítulo 3 à sua análise e estudo em maior detalhe. Contudo, como forma de garantir a coerência deste trabalho, apresento aqui uma breve alusão a esta técnica de intervenção pedagógica uma vez que esta faz parte da REALIZAÇÃO. Assim, no que se refere ao *feedback*, de forma simplificada pode dizer-se que diz respeito a uma reação do professor à prestação

do aluno. De uma forma mais completa, Januário (1992), entende o *feedback* como um “*comportamento de ensino que consiste na reação do professor à prestação do aluno, com a intenção de o aperfeiçoar, intervindo no processo de aprendizagem, e com a função de avaliar a sua prestação, de descrever o seu movimento, de prescrever uma técnica ou uma componente crítica, e de o interrogar sobre o que faz ou como faz*”. Costa (1995), comunga da opinião de Januário (1992), referindo-se ao *feedback* como um “*conjunto de intervenções verbais e/ou não verbais emitidas pelo professor reagindo à prestação motora dos alunos com o objetivo de avaliar, descrever e/ou corrigir a prestação assim como de os interrogar sobre o que fizeram e como fizeram*”.

2.1.2 Gestão

A dimensão Gestão diz respeito aos comportamentos apresentados pelo professor com o intuito de obter elevados índices de envolvimento dos alunos nas atividades das aulas, com um número reduzido de comportamentos inapropriados e gerindo eficazmente o tempo da aula. Uma boa capacidade de gestão facilita largamente as condições de ensino/aprendizagem e é indispensável ao sucesso pedagógico (Quina, 2009). Deste modo, procurei ser célere na organização das aulas, gerindo adequadamente todas as situações que foram ocorrendo, tendo sempre como ponto de referência o alcance do maior tempo possível de empenhamento motor dos alunos. Para a consecução deste objetivo, procurei desde o início do ano letivo o incremento de rotinas, defini com os alunos alguma sinalética de organização (para reunir, para parar no lugar, para rodar de estação e para começar a tarefa), promovi a celeridade no transporte e montagem do material, utilizei formas rápidas e eficazes de elaboração de grupos, entre outros.

Uma boa gestão depende bastante do posicionamento do professor no espaço de aula bem como a disposição dos alunos. Deste modo, procurei elaborar grupos, tendo em conta o comportamento dos alunos (colocar em grupos diferentes alunos com propensão para a manutenção de conversas paralelas ou comportamentos fora da tarefa) e circulei pelo espaço de aula de forma a garantir uma visão periférica da turma.

Procurei que a turma fosse célere nas transições entre as diferentes tarefas, sempre que foi possível, mantive a mesma organização durante toda a aula (em

alguns casos, a organização das aulas manteve-se a mesma durante o desenvolvimento de toda a unidade didática, mudando apenas as tarefas a desenvolver) e sempre que se mostrou adequado, as equipas/grupos de trabalho mantiveram-se os mesmos em várias aulas.

Como forma de evitar “perdas” de tempo, procurei que todos os alunos colaborassem fundamentalmente na “arrumação” do material, uma vez que na maioria das aulas a montagem do material foi realizada por mim, antes do início da mesma.

2.1.3 Clima

Numa aula as dimensões Clima e Disciplina encontram-se fortemente interligadas. No entanto, cada uma delas será explicitada individualmente. Para Marques, (2004), *“a existência de um bom clima contribui para a satisfação pessoal, para o empenhamento nas atividades prescritas pelo professor e para a maturação emocional dos alunos”*. Durante as aulas procurei criar um ambiente favorável à aprendizagem dos alunos, falando com eles, motivando-os e desafiando-os a superarem-se a si próprios. A relação que estabeleci com a turma foi muito boa, os alunos sentiram-se à-vontade comigo para exporem dúvidas e colocarem questões. Sinto que desenvolvi com os alunos uma relação simpática e empática e isso contribuiu de sobremaneira para o sucesso de todos.

2.1.4 Disciplina

Por vezes confunde-se Clima com Disciplina. Conforme ficou referido no ponto 2.1.3, embora interligadas, dizem respeito a episódios diferentes. A Disciplina refere-se fundamentalmente aos comportamentos dos alunos enquanto o Clima alude ao ambiente em que a aula decorre. Claro que o surgimento de episódios de indisciplina contribuem para o surgimento de um Clima menos favorável e profícuo à aprendizagem. Siedentop (1998), refere que *“existem muitos professores de Educação Física para quem é suficiente os seus alunos comportarem-se de forma apropriada e estarem divertidos a praticar uma atividade desportiva”*.

Tousignant (1982) cit in Quina (2009), refere que o comportamento dos alunos se pode enquadrar em duas categorias: comportamentos relacionados com a tarefa e comportamentos fora dela. A primeira diz respeito ao envolvimento do aluno

na tarefa solicitada pelo professor, enquanto a segunda faz referência a alunos que utilizam as mais diversas estratégias para não realizarem a tarefa solicitada ou em casos mais graves, alunos que manifestam comportamentos agressivos, indecorosos ou não acatam as indicações emanadas pelo professor. São habitualmente estes últimos que perturbam seriamente as atividades e as aprendizagens da turma. Piéron (1992), também enquadra o comportamento dos alunos em duas categorias, embora lhes atribua outras designações: comportamentos apropriados e inapropriados. Os primeiros dizem respeito àquilo que é expectável o aluno realizar (realização das tarefas indicadas pelo professor) e os segundos resultam da violação das regras de funcionamento das aulas.

Durante este ano, a turma com a qual desenvolvi o meu trabalho de estágio manteve sempre uma atitude de respeito, empenhando-se nas tarefas solicitadas e procurando superar as dificuldades. Para isso em muito contribuiu a boa planificação e organização das aulas, nomeadamente a seleção das atividades a desenvolver e a sua adequação às dificuldades dos alunos. Por outro lado, a maximização dos tempos de atividade motora também contribuíram para a redução de comportamentos inapropriados uma vez que estes surgem em maior número quando os alunos não têm nenhuma tarefa para realizar (Piéron, 1992).

2.2 Decisões de ajustamento

As decisões de ajustamentos podem ser tomadas antes, durante ou depois de um determinado acontecimento ou situação. Todas elas são precedidas de uma aprofundada reflexão por parte do professor, com vista ao alcance dos objetivos previamente definidos.

Ao longo deste percurso de estágio senti necessidade de incluir alguns reajustes quer no plano anual da turma, quer pontualmente em determinadas aulas. Em todas as situações cujas necessidades de ajustamento foram evidentes, procedi de forma o mais célere possível à sua implementação.

Relativamente ao plano anual da turma, senti que seria benéfico para os alunos o incremento de mais um bloco de noventa minutos à unidade didática de ginástica acrobática. A justificação desta tomada de decisão foi referida no plano de aula do 29 de fevereiro de 2012, *“tendo em conta que em aulas anteriores houve*

grupos que se viram impedidos de exercitar e consolidar as suas sequências acrobáticas em virtude da ausência justificada de alguns dos seus elementos e, tendo em conta a interrupção letiva ocorrida entre os dias 20 e 22 do corrente mês (que coincidiu com os dois dias em que a turma teria aula de Educação Física), entendi dedicar mais uma aula ao desenvolvimento desta unidade didática. Penso que esta decisão de ajustamento poderá significar uma mais-valia para os alunos, uma vez que lhes permite dispor de um pouco mais de tempo para aperfeiçoar as suas sequências". Ainda relativamente ao plano anual, operei mais uma decisão de ajustamento, desta vez na unidade didática de orientação. De acordo com o referido plano, esta unidade didática seria lecionada em quatro blocos de noventa minutos. Após a observação realizada pelo Professor Antero Abreu à aula que lecionei no dia 14 de março, este tomou conhecimento da minha intenção em realizar o teste de avaliação de conhecimentos na aula seguinte. No entanto, essa intenção não se concretizou, tendo sido tomada a seguinte decisão constante na justificação do plano de aula do dia 19 de março: *"para a aula de hoje está planificada a realização de um teste de avaliação de conhecimentos, relativos às unidades didáticas lecionadas ao longo deste segundo período letivo. Por sugestão do Professor Orientador da FCDEF, Professor Antero Abreu, decidi realizar o teste, mantendo os alunos em atividade motora. Para o efeito criei um conjunto de perguntas alusivas às unidades didáticas lecionadas e distribuí-as pelas diferentes balizas colocadas estrategicamente na quinta do Colégio. Depois de entregar e distribuir os mapas e respetivos cartões de controlo, os alunos terão que se dirigir às respetivas balizas, ler as perguntas nelas colocadas e registar no cartão de controlo as respetivas respostas. Cada percurso terá quatro balizas. No final de cada percurso, os alunos terão que se dirigir ao ponto de partida para registar o tempo e receber indicações acerca do próximo percurso a realizar. Considero que esta será uma boa estratégia, uma vez que permite avaliar os conhecimentos dos alunos, não só do ponto de vista teórico, como a sua aplicabilidade no terreno. Não obstante, parece-me uma estratégia muito mais motivadora e interessante para os alunos".*

No que se refere às aulas e respetivos planos, esporadicamente houve necessidade de tomar decisões de ajustamento, nomeadamente no que diz respeito à organização e distribuição de grupos, uma vez que durante o ano houve frequentemente alunos que se viram impedidos de realizar as aulas práticas (alguns desses alunos tiveram atestado médico de carácter prolongado, enquanto outros, de

carácter temporário). Esta frequente incerteza criou algumas dificuldades em organizar os grupos de acordo com os objetivos traçados (fundamentalmente de natureza motora e/ou comportamental). Por vezes, durante o desenrolar das aulas, houve necessidade de reajustar o material a utilizar ou a sua disposição espacial em virtude do referido anteriormente. Em relação às tarefas contempladas nos planos de aula e os tempos destinados a cada uma delas, por vezes não foram escrupulosamente cumpridos em virtude da necessidade de intervir para transmitir alguma instrução aos alunos.

3 - AVALIAÇÃO

De acordo com Ribeiro (1999) *“a avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções”*. A avaliação tem como objetivos apoiar o processo educativo, fomentar o sucesso dos alunos, certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno e contribuir para a melhoria e qualidade do sistema educativo. Através da avaliação é possível descrever os conhecimentos, as atitudes e as aptidões que os alunos foram adquirindo ao longo de um determinado tempo, bem como as dificuldades por eles reveladas. As informações recolhidas pelo processo avaliativo permitem aos professores procurar meios e estratégias que possibilitem auxiliar os alunos a resolver as suas dificuldades.

A avaliação é um processo de recolha de informação, assente em determinados referenciais e que permite formular juízos de valor, com vista a uma tomada de decisão.

A avaliação em Educação Física recai sobre os objetivos a atingir, assentes numa lógica de ano e de ciclo. Os resultados provenientes do processo avaliativo deverão contribuir para o aperfeiçoamento do processo de ensino – aprendizagem, bem como informar os alunos de qual o caminho a seguir e o modo como o deverá realizar.

Todo o processo de avaliação tem um carácter não só avaliativo mas também regulador da atividade do professor e do aluno, possibilitando, desta forma, efetuar reajustes dos conteúdos para que os alunos consigam acompanhar as matérias contribuindo para o êxito do processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Bento (1998), a avaliação em Educação Física desenvolve-se em três domínios: cognitivo, sócioafetivo e psicomotor.

Uma vez que o Colégio goza de autonomia pedagógica desde 2003, para o Ensino Secundário, por deliberação do Conselho Pedagógico, o modelo de avaliação da disciplina de Educação Física, embora assente nos domínios preconizados por Bento (1998), não utiliza os mesmos desígnios. Para todo o Colégio existe, também por decisão do Conselho Pedagógico um sistema de avaliação assente em áreas e parâmetros iguais para todos os Departamentos Curriculares e Grupos Disciplinares. Deste modo, os alunos serão avaliados, na disciplina de Educação Física, nos domínios descritos por Bento (1998), tendo estes apenas desígnios diferentes.

O domínio cognitivo (aquisição e aplicação de conhecimentos teóricos) foi avaliado através da realização de testes escritos, baseados no manual da disciplina adotado pelo Colégio bem como em documentos de apoio fornecidos aos alunos.

O domínio sócioafetivo (valores e atitudes) foi avaliado através dos indicadores apresentados nos critérios de avaliação (ver quadro n.º 5).

O domínio psicomotor (aquisição e aplicação de conhecimentos práticos) foi avaliado em função do desempenho motor de cada aluno, em cada unidade didática.

3.1 Avaliação diagnóstica

De acordo com o Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de Janeiro, a *“avaliação diagnóstica conduz à adoção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projeto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulada com a avaliação formativa”*.

A avaliação diagnóstica tem como principal objetivo obter informações acerca dos conhecimentos e aptidões de que os alunos dispõem no início de cada unidade didática, permitindo determinar o seu nível, assim como o da turma em geral, Para a sua realização e implementação recorri a fichas de registo elaborada para o efeito, (Anexo 4) utilizando para tal a primeira aula de cada unidade didática, exceção feita às unidades didáticas de orientação e ginástica acrobática, uma vez que a turma nunca havia contactado com estas duas modalidades. Nessas fichas foram

registados os comportamentos observados, tendo em conta as componentes críticas estipuladas.

3.2 Avaliação formativa

Este tipo de avaliação tem como objetivo proporcionar informações acerca do desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem, com o intuito de que o professor possa ajustá-lo às características dos alunos. A avaliação formativa foi realizada durante o decurso de cada unidade didática.

Trata-se de uma avaliação incorporada no ato do ensino e integrada na ação de formação dos alunos. É uma avaliação que contribui para melhorar as aprendizagens uma vez que, informa o professor sobre o desenvolver da aprendizagem e o aluno sobre os seus sucessos e fracassos. Além disso, a avaliação formativa desempenha um papel regulador, na medida em que permite, tanto aos alunos como ao professor ajustarem estratégias e dispositivos. Ela pode reforçar positivamente qualquer competência que esteja de acordo com alguns objetivos previamente estabelecidos e permitir ao próprio aluno analisar situações, reconhecer e corrigir eventuais erros nas tarefas.

3.3 Avaliação sumativa

A avaliação sumativa é predominantemente uma avaliação pontual, já que, habitualmente ocorre no final de uma unidade didática, de um curso, um ciclo, um período, um semestre, etc. É um momento que procura determinar o grau de domínio de alguns objetivos previamente estabelecidos. Permite fazer um balanço de uma ou várias sequências de um trabalho de formação. Em determinadas circunstâncias, pode ser realizada de forma cumulativa, nomeadamente quando o resultado final resulta de vários resultados parciais. A avaliação sumativa tem como função essencial a certificação. De acordo com o Despacho Normativo n.º 6/2010, de 19 de Fevereiro “ *a avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular*”. Esta avaliação permite atribuir uma classificação quantitativa aos alunos, resultado da avaliação contínua.

Nas aulas que lecionei, a avaliação sumativa baseou-se fundamentalmente na observação direta de exercícios realizados com um nível de exigência adequado aos conhecimentos e desempenho dos alunos da turma e respetivo registo. A classificação final resultou da média ponderada, depois de aplicados os critérios aprovados em sede de Conselho Pedagógico. Cada aluno foi avaliado com um determinado valor numa escala de 0 a 20 (Anexos 5 e 6).

ÁREAS	PARÂMETROS	INDICADORES	ENSINO SECUNDÁRIO	
DIMENSÃO COGNITIVA	AQUISIÇÃO E APLICAÇÃO DE CONHECIMENTOS	Conhecimentos (Avaliação escrita)	15%	90%
		Aptidão Física (Testes de Condição Física)	5%	
		Atividades Físicas (Avaliação prática)	70%	
	ORGANIZAÇÃO E APLICAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Presença do material necessário à realização da aula • Assiduidade • Pontualidade 	2,5%	
		INTERESSE E PARTICIPAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Sabe pedir ajuda quando necessita. • Atenção manifestada • Intervenções orais (frequência e qualidade) • Iniciativa e criatividade • Envolvimento/cumprimento das atividades propostas 	2,5%
	DIMENSÃO PESSOAL E SOCIAL	VALORES E ATITUDES	<ul style="list-style-type: none"> • Ponderação/equilíbrio na relação com Professor e Colegas • Reconhecimento da diversidade e sentido de entreajuda e solidariedade • Trabalho em grupo • Cidadania responsável • Atitude de respeito, verdade e diálogo 	5%

Quadro 5 – Critérios de avaliação da disciplina de Educação Física, para o Ensino Secundário

Tendo em conta a especificidade da disciplina de Educação Física, por vezes foi necessário adaptar o modelo de avaliação aos alunos que, por prescrição médica se viram impedidos de realizar as aulas de índole prática da referida disciplina. A estes alunos foi exigido um regime presencial para que a sua ausência não fosse contabilizada como falta de presença no parâmetro da organização e aplicação.

O quadro que a seguir é apresentado reflete o modo como os alunos com atestado médico foram avaliados.

ÁREAS	PARÂMETROS	INDICADORES	ENSINO SECUNDÁRIO	
DIMENSÃO COGNITIVA	AQUISIÇÃO E APLICAÇÃO DE CONHECIMENTOS	Conhecimentos (Avaliação escrita)	75%	90%
		Trabalhos escritos/fichas de trabalho (Avaliação escrita)	15%	
	ORGANIZAÇÃO E APLICAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> •Assiduidade •Pontualidade 	2,5%	
	INTERESSE E PARTICIPAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> •Sabe pedir ajuda quando necessita. •Atenção manifestada •Intervenções orais (frequência e qualidade) •Iniciativa e criatividade •Envolvimento/cumprimento das atividades propostas 	2,5%	
DIMENSÃO PESSOAL E SOCIAL	VALORES E ATITUDES	<ul style="list-style-type: none"> •Ponderação/equilíbrio na relação com Professor e Colegas •Reconhecimento da diversidade e sentido de entreajuda e solidariedade •Trabalho em grupo •Cidadania responsável •Atitude de respeito, verdade e diálogo 	5%	

Quadro 6 – Critérios de avaliação da disciplina de Educação Física, para o Ensino Secundário – alunos com atestado médico.

DIMENSÃO 2 – ATITUDE ÉTICO-PROFISSIONAL

Para Caetano & Silva (2009), “*O modo como os professores definem a docência, assume particular relevo a função de educar, formar os alunos e contribuir para o desenvolvimento pessoal e social das crianças e jovens*”. Para as autoras, “*ser professor obriga a um modo particular de ser e de estar*”. Por certo não seria necessário que Caetano e Silva (2009) o referissem. Se atentarmos na perspectiva de Lopes Sj, J. (1997), “*uma Escola é o que forem os seus Educadores. Mais que através do conteúdo que ensinam, os alunos aprendem sobretudo a forma como os Educadores estão na escola e na sala de aula...porque um aluno em processo de crescimento bebe deles os seus critérios e valores*”. O professor é olhado por muitos alunos como um modelo. Ora, se assim é, deverá pautar a sua conduta por atitudes

condizentes com as funções que desempenha. Um professor deverá ser capaz de, com as suas ações, *“assegurar a formação cívica e moral dos jovens e contribuir para desenvolver o espírito e prática democráticos”* (Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto, artigo 3.º). Foi com estas premissas que pautei toda a minha atuação durante este ano de estágio. Sabia à partida que estaria a ser observado, não só pelos alunos, Professor Orientador, Professor Supervisor, colegas de estágio, mas também por toda a Comunidade Educativa do Colégio. Por este motivo as responsabilidades foram maiores e isso despoletou em mim uma vontade acrescida em não defraudar as expectativas que em mim foram depositadas. Procurei ser sempre um exemplo para os alunos e para os meus colegas, nomeadamente no que respeita à assiduidade, pontualidade, cumprimento de prazos, participação na “vida do Colégio”, cooperação com os colegas de Departamento Curricular e demais Departamentos. Estou certo que sempre demonstrei “saber ser” e “saber estar”.

CAPÍTULO 2 – REFLEXÃO

Segundo Bento, (1987) *“sem um trabalho de reflexão suficientemente aprofundado não é possível a avaliação dos alunos e da atividade pedagógica do professor”*. Deste modo, para Cardoso (1996) cit em Lopes (2009), *a reflexão sobre o seu ensino é o primeiro passo para quebrar o ato de rotina, possibilitar a análise de opções múltiplas para cada situação e reforçar a sua autonomia face ao pensamento dominante de uma dada realidade*”. Perspetiva semelhante têm Leitão e Alarcão (2006) cit em Lopes (2009), ao afirmarem que, *“responder de forma profissional a questões como “o que fazer, como fazer e quando decidir o que fazer?” nos contextos educativos, implica a capacidade de mobilização de respostas concretas que, na maioria dos casos, consubstanciam competências construídas através da interação entre saberes provenientes da investigação, é certo, mas também da reflexão sobre a ação e da experiência e, por isso, dificilmente compagináveis com políticas centralizadoras”*.

1 – ENSINO-APRENDIZAGEM

De acordo com Campos (1986), *“a aprendizagem pode ser definida como uma modificação sistemática do comportamento, por efeito da prática ou da experiência, com um sentido de progressiva adaptação ou ajustamento”*. Na

realidade foi com esta perspetiva que encarei este ano de estágio pedagógico, procurando adquirir um vasto leque de saberes, com vista à melhoria do comportamento e aperfeiçoamento da minha profissionalidade docente.

1.1 Aprendizagens realizadas com o estágio

As aprendizagens realizadas ao longo do estágio derivaram fundamentalmente do ato de refletir sobre a minha atuação durante este percurso, bem como dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas de Estudos Avançados em Desenvolvimento Curricular, Avaliação Pedagógica em Educação Física, Didática da Educação Física e Desporto Escolar, ao longo dos primeiro e segundo semestres do curso de Mestrado. Estas disciplinas permitiram-me a ampliação do meu *know-how* relativamente aos papéis a desempenhar pelos professores.

Para uma maior objetividade, separarei as aprendizagens realizadas, nomeadamente as adquiridas com a realização do Planeamento, Instrução, Gestão, Clima, Disciplina, Estilos de Ensino e Avaliação.

1.1.1 Planeamento

No que se refere ao Planeamento, destaco as aprendizagens oriundas da elaboração do plano anual da turma. A elaboração deste trabalho permitiu-me a aquisição de um conjunto de aprendizagens, a saber: contexto histórico do Colégio, caracterização do meio e da população escolar, o calendário escolar, a caracterização da turma, as finalidades da Educação Física e objetivos a atingir, o mapa de rotação de espaços (*roulement*), as unidades didáticas a lecionar, o tempo de lecionação de cada uma e o modo de avaliação.

Saliento as aprendizagens provenientes da elaboração das unidades didáticas lecionadas. Estas aprendizagens resultaram do aprofundado trabalho de pesquisa necessário à sua elaboração. A este nível, as aprendizagens mais significativas foram as respeitantes à história das modalidades, os seus regulamentos, bem como os fundamentos técnico-táticos, estratégias de ensino e progressões pedagógicas.

Rentabilizei eficazmente os recursos materiais e espaciais do Colégio, após reflexão acerca das aulas lecionadas por mim e da observação realizada a aulas lecionadas pelos colegas estagiários e pelo Professor Orientador.

Relativamente ao planeamento das aulas, as aprendizagens incidiram fundamentalmente na adequação dos objetivos a atingir às necessidades dos alunos. Para o efeito, procurei utilizar estratégias e tarefas que permitissem a consecução dos objetivos da aula e simultaneamente permitissem colmatar as necessidades e dificuldades dos mesmos.

1.1.2 Instrução

No que diz respeito à Instrução, julgo ter sido um dos domínios onde sinto que melhorei substancialmente. No início do estágio tinha alguma dificuldade em cumprir os tempos destinados aos episódios de Instrução. Com o decorrer do tempo fui melhorando esta dimensão. Tornei-me mais célere e objetivo na transmissão das informações aos alunos. Para o efeito recorri frequentemente a documentos de apoio às diferentes unidades didáticas, bem como ao registo de informações pertinentes nos quadros disponíveis no pavilhão desportivo. No caso das unidades didáticas de ginástica de solo, de aparelhos e acrobática, recorri ao retroprojetor para a apresentação de alguns vídeos didáticos alusivos aos conteúdos a introduzir/exercitar/consolidar nas aulas. Utilizei ainda, sempre que possível, os alunos como “agentes de ensino”, realizando demonstrações.

1.1.3 Gestão

No que concerne à Gestão, criei desde o início do ano letivo um conjunto de rotinas que permitiram uma maior rentabilização do tempo de aula. Após o toque de entrada os alunos entravam para o balneário, equipavam-se com celeridade, dirigiam-se para o espaço de aula e sentavam-se junto de mim, que já me encontrava à sua espera. Verificava as presenças dos alunos e após isso, cada aluno deslocava-se para o espaço pré-determinado por mim, para iniciar o aquecimento. Pré-estabeleci com os alunos alguns gestos a utilizar, facilitando e agilizando a nossa comunicação (gesto para reunir, para parar no lugar, para mudar de estação e para começar uma tarefa).

Nas aulas em que foi necessária a criação de grupos, como forma de potenciar o tempo útil de aula, estes foram previamente elaborados por mim, durante a elaboração dos planos de aula. Quando necessário, esses grupos foram

reorganizados (quando os alunos faltaram às aulas ou quando se encontraram clinicamente impedidos de realizar as aulas práticas).

Durante a elaboração dos planos de aula tive sempre a preocupação de manter o mais possível a mesma organização e disposição espacial do material e da turma durante toda a aula. Naturalmente que nem sempre esta estratégia foi possível de implementar. No entanto houve sempre essa preocupação e na maioria das aulas foi aplicada com bastante sucesso. Esta estratégia, aliada à criação de rotinas permitiu uma rentabilização significativa do tempo útil das aulas.

Procurei em todas as aulas, atribuir aos alunos determinadas responsabilidades, conferindo-lhes para o efeito a devida autonomia. Envolvi sempre os alunos na recolha dos objetos de valor dos colegas (Delegados de Desporto) e respetiva entrega ao Prefeito do pavilhão, (conforme o disposto no Regulamento de Educação Física do Colégio), selecionei alunos e responsabilizei-os pelo transporte, montagem, desmontagem e arrumação do material utilizado em cada aula. Os tempos de transição entre tarefas foram também minimizados.

1.1.4 Clima

Ao longo do ano as aulas estiveram, na maioria das vezes, imbuídas num clima bastante positivo e profícuo à aprendizagem. Para isso contribuiu a relação harmoniosa que eu e a turma conseguimos estabelecer. Essa relação assentou fundamentalmente na cooperação, respeito, entreajuda e confiança. Pontualmente e como forma de “descontrair” recorri a alguns episódios de humor.

1.1.5 Disciplina

No que à disciplina diz respeito, a turma mostrou “saber ser” e “saber estar”. Por vezes ocorreram algumas conversas paralelas que, com uma chamada de atenção, ficaram sanadas.

Para além da boa consciência cívica e moral que a turma apresenta, enalteci frequentemente, quer em aulas, quer em reuniões de Conselho de Turma ou mesmo em conversas informais com a Diretora de Turma, o comportamento da turma. Durante as aulas reforcei positivamente os comportamentos apropriados.

Após a aula observada pelo Professor Antero Abreu, no dia 09 de novembro, este referiu que eu deveria “fazer-me mais presente na aula”. Penso que este

feedback que me foi transmitido ajudou-me a perceber a importância do professor se fazer sentir na aula. Essa mudança de postura na aula permitiu que os alunos se tenham sentido “mais controlados” e observados, assumindo um comportamento mais adequado.

1.1.6 Avaliação

A avaliação constituiu outro grande polo de aquisição de aprendizagens. Essas aprendizagens incidiram fundamentalmente na forma de registo (recolha de dados) e organização da própria avaliação. Aprendi a elaborar grelhas de avaliação para cada uma das unidades didáticas lecionadas, de acordo com os objetivos definidos para a turma.

Relativamente à organização da avaliação, organizei a turma por grupos de acordo com uma sequência pré estabelecida por mim, de forma a simplificar a observação e subsequente registo.

No caso dos alunos impedidos clinicamente de realizar as aulas, foram com alguma frequência convidados a observar os colegas e a registar em fichas de avaliação criadas para o efeito, a classificação de cada um dos executantes, tendo em conta os critérios e habilidades motoras elencados na ficha. Os resultados registados foram dados a conhecer a cada um dos executantes. Deste modo envolvi os alunos no processo avaliativo.

1.2 Compromissos com as aprendizagens dos alunos

“Os professores com uma paixão pelo ensino esforçam-se por olhar para trás das máscaras que cada aluno apresenta, para conseguir ver as coisas como elas são verdadeiramente. Esta é a base para a construção de uma relação professor-aluno que seja autêntica e para planificar o ensino em formas que possam ir ao encontro dos interesses e da imaginação de cada aluno”. (Alves, 2010). Desta forma procurei sempre olhar para cada aluno não só nessa vertente, mas e acima de tudo como uma pessoa com capacidade de agir, pensar e sentir. Envidei sempre todos os esforços para compreender os seus estados de alma, fomentei o diálogo e a cooperação.

Relativamente às suas aprendizagens, procurei utilizar sempre estratégias que as visassem e potenciasses, planeando cada aula e selecionando cada tarefa,

tendo em conta os seus interesses e dificuldades. Recorri por diversas vezes à diferenciação pedagógica, procurando garantir a igualdade de oportunidades a todos os alunos, reduzindo, por exemplo, a altura da rede de Voleibol e as tabelas de Basquetebol, para os alunos mais baixos.

Após a realização da avaliação diagnóstica e respetiva análise e reflexão, defini os objetivos a atingir e estratégias para os alcançar. A avaliação formativa foi igualmente um instrumento bastante valioso, pois permitiu verificar os níveis de evolução dos alunos e ao mesmo tempo reajustar a extensão e sequência de conteúdos em função dessa evolução. Quanto à avaliação sumativa, serviu fundamentalmente para atribuir uma classificação e ao mesmo tempo certificar os conhecimentos dos alunos. A este respeito, fui sempre claro e transparente com os alunos, explicando-lhes o que iria avaliar e como iria avaliar. Os critérios de avaliação estiveram sempre à disposição dos alunos para consulta, junto à secretária da Direção do Colégio (conforme estipulado no Regulamento Interno do Colégio).

Em função dos objetivos a atingir, das atividades a desenvolver e das dificuldades apresentadas pelos alunos, recorri a diferentes estilos de ensino. Contudo, os que mais vezes utilizei foram os estilos por tarefa, comando e descoberta guiada. O estilo de ensino recíproco foi utilizado pontualmente e apenas na unidade didática de ginástica de solo. Ainda que informalmente, o estilo inclusivo foi utilizado em algumas aulas.

Utilizei frequentemente o *feedback* com o intuito de fornecer informações de retorno acerca do desempenho motor dos alunos. As suas aprendizagens dependem significativamente dessas informações na medida em que muitos alunos não têm a perceção do seu desempenho. Por este motivo torna-se fundamental o fornecimento de *feedbacks*, para que compreendam o que estão a fazer bem e devem manter, e o que estão a fazer de errado e deverão corrigir. No capítulo 3 deste relatório encontra-se mais pormenorizadamente desenvolvido este tema.

Tendo em conta que o Programa de Educação Física 10.º, 11.º e 12.º anos dos Cursos Gerais e Cursos Tecnológicos (Jacinto et al, 2001), refere a importância e o “*valor educativo da atividade física eclética, pedagogicamente orientada para o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno*”, que se caracteriza na “*apropriação das habilidades e conhecimentos, na elevação das capacidades do aluno e na formação das aptidões, atitudes e valores, proporcionadas pela*

exploração das suas possibilidades de atividade física adequada - intensa, saudável, gratificante e culturalmente significativa”, procurei transmitir aos alunos, para além dos conhecimentos teóricos, técnicos e táticos das diferentes modalidades, valores como a pontualidade, a honestidade, a justiça, a responsabilidade, a cooperação, entre outros.

1.3 Inovação nas práticas pedagógicas

No concernente às inovações operadas nas práticas pedagógicas, em grande medida advieram da implementação dos conhecimentos adquiridos ao longo dos primeiro e segundo semestres do curso de Mestrado. Outras provieram das reflexões realizadas ao longo de todo o percurso realizado ao longo do ano: experimentação e adaptação de estratégias utilizadas e cujos resultados me influenciaram positivamente e através dos quais foi possível apresentar melhorias significativas ao nível da minha intervenção pedagógica.

Tendo sempre presente que a aprendizagem é um processo permanente, paciente, desafiante e único, procurei encontrar estratégias que levassem o aluno a procurar aprender cada vez mais. Para isso, aluno e professor deverão ser pacientes pois nem sempre ela surge no tempo que ambos desejam. Torna-se por isso desafiante, uma vez que é necessário encontrar formas de as alcançar e é única porque cada aluno tem o seu ritmo de aprendizagem e a sua personalidade.

Ao iniciar este estágio e tendo em conta que teria que o conciliar com a minha atividade profissional, julguei não ser capaz de aplicar inovação na minha prática pedagógica. No entanto à medida que o ano foi decorrendo e influenciado também pelo interesse, vontade e motivação evidenciada pela maioria dos alunos da turma, preocupei-me em encontrar formas e estratégias que permitissem não defraudar as suas expectativas. Para o efeito utilizei nas unidades didáticas de ginástica de solo, de aparelhos e de acrobática, as novas tecnologias da informação (projektor multimédia e o computador portátil), onde durante o decorrer das aulas foram apresentados alguns vídeos alusivos aos conteúdos a abordar. Utilizei também documentos de apoio às aulas, como forma de enquadrar os alunos e fornecer-lhes informações úteis acerca do modo de realização das diferentes ações motoras, respetivas componentes críticas e erros mais comuns.

Ainda no que se refere à unidade didática de ginástica acrobática, foi cedido a cada grupo um documento de apoio em que constavam, entre outros, figuras acrobáticas que os alunos de forma completamente autónoma selecionaram para apresentar em sequência coreografada, perante toda a turma. Foi-lhes concedida a possibilidade de escolherem a música que acompanharia a sequência acrobática.

Relativamente à unidade didática de orientação, uma vez que o Colégio não dispunha de balizas de orientação, vi-me na necessidade de as construir, bem como os respetivos cartões de controlo. Socorri-me, igualmente, da planta topográfica do Colégio (gentilmente cedida pelo Sr. Administrador) e da fotografia aérea, retirada do *Google Earth*. Antes de cada aula da unidade didática, fixei as balizas e marquei os percursos a percorrer por cada grupo de alunos. Na primeira aula desta unidade didática elaborei uma apresentação multimédia, socorrendo-me do programa informático *Microsoft Office PowerPoint*, com o objetivo de transmitir aos alunos os aspetos essenciais da modalidade.

Penso que a lecionação das unidades didáticas de ginástica acrobática e orientação, foram duas grandes inovações pedagógicas que operei, uma vez que os alunos nunca haviam contactado com estas modalidades desportivas tão peculiares e enriquecedoras.

Durante a lecionação das aulas recorri ao uso de diferentes estilos de ensino. A utilização desta estratégia permitiu interagir com os alunos de forma diferente, tendo em conta a persecução de determinados objetivos. No início do ano letivo recorri predominantemente ao estilo por comando, pois queria que os alunos adquirissem um conjunto de normas de funcionamento e de rotinas que, posteriormente lhes trariam benefícios. À medida que o ano letivo foi decorrendo, comecei a colocar mais enfoque nos estilos de ensino por tarefa e inclusivo. Desta forma e depois da aquisição de um conjunto de aprendizagens relativas a normas de funcionamento da aula e interiorização de rotinas, estes estilos de ensino permitiram, por um lado diferenciar o ensino (criar níveis de dificuldade) e ao mesmo tempo incrementar alguma autonomia a cada aluno.

A disponibilidade que um professor apresenta aos seus alunos é entendida por mim como uma inovação pedagógica. Deste modo, apresentei aos alunos do 11.ºB toda a minha disponibilidade para esclarecer dúvidas e colmatar dificuldades. Marquei com eles um horário de atendimento (6.ªf, das 16:30 às 18:00) para que pudessem falar comigo acerca das matérias em curso ou outras do seu interesse.

Muitos destes dias foram ocupados com “aulas de apoio”, onde os alunos, com o meu auxílio, procuraram superar as dificuldades.

2 – DIFICULDADES E NECESSIDADES DE FORMAÇÃO

2.1 Dificuldades sentidas e formas de resolução

Ao longo deste ano de estágio, as dificuldades foram imensas. Foram efetivamente mais do que as esperadas.

Antes mesmo do ano letivo ter começado, a minha maior preocupação era pensar se seria ou não capaz de conciliar a minha atividade profissional com a realização do meu estágio pedagógico. Na verdade, estas preocupações e inquietações começaram a surgir logo com a frequência do primeiro ano do mestrado. No entanto essas preocupações começaram a agudizar-se à medida que o estágio pedagógico se foi aproximando. Depois da reunião realizada no dia 01 de setembro no auditório da FCDEF e após leitura e análise do guia de estágio para o presente ano letivo, as preocupações passaram a verdadeiras inquietações. Com tantos trabalhos para desenvolver e com prazos a cumprir, só restava olhar para a frente e colocar mão ao trabalho.

Agora que o ano letivo está quase no fim, olhando para trás, as dificuldades transformaram-se em forças e essas fizeram-me continuar ainda com mais determinação.

O quadro que se segue pretende apresentar as principais dificuldades com que me deparei ao longo deste ano de estágio e as formas que encontrei para as ultrapassar.

Dificuldades sentidas	Formas de resolução
Elaboração do plano anual do 11.ºB.	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa e recolha de informação relevante para a sua elaboração (Recursos materiais e espaciais do Colégio, Projeto Curricular de turma do ano letivo anterior); • Leitura, análise e reflexão sobre o Programa Nacional de Educação Física; • Seleção das unidades didáticas a lecionar; • Pesquisa referente a cada unidade didática a lecionar (pesquisa bibliográfica/ videográfica). • Elaboração de fichas de registo de avaliação diagnóstica (uma vez

	<p>que o Colégio não dispunha deste material);</p> <ul style="list-style-type: none"> •Análise do Plano Anual de Atividades do Colégio; •Mapa de rotação de espaços; •Inventário do material desportivo.
Morosidade na elaboração dos Planos de aula	<ul style="list-style-type: none"> •Esta foi claramente uma dificuldade sentida durante todo o estágio. Contudo, não fui capaz de melhorar este domínio, uma vez que procurei sempre realizar os planos de aula com grande correção (recorrendo a descrições pormenorizadas das tarefas a realizar, figuras ilustrativas das tarefas (muitas vezes criadas por mim), justificação e reflexão dos planos, etc.). Apesar disso sinto que melhorei e aprendi bastante com a elaboração dos planos de aula.
Selecionar as atividades em função dos objetivos a atingir	<ul style="list-style-type: none"> •Diálogo e reflexão com os colegas de estágio; •Diálogo e reflexão com o Professor Orientador; •Pesquisa em literatura específica.
Motivar os alunos desmotivados	<ul style="list-style-type: none"> •Procurei estar mais próximo destes alunos, incentivando-os e motivando-os; •Dialoguei dentro e fora do contexto de aula com os alunos; •Valorizei e destaquei os seus momentos de sucesso; •Atribui-lhes funções com sentido e significado (colaboração nos exercícios de aquecimento e de alongamentos).
Fazer-me mais “Presente” nas aulas	<ul style="list-style-type: none"> •Intervi com mais veemência durante as aulas, para que os alunos sentissem a minha presença; •Emiti <i>feedbacks</i> para os alunos colocados do lado oposto ao meu.
Construção de instrumentos de avaliação simples e fiáveis	<ul style="list-style-type: none"> •Diálogo e reflexão com os colegas de estágio; •Diálogo e reflexão com o Professor Orientador; •Pesquisa bibliográfica.

Quadro 7 – Dificuldades sentidas ao longo do estágio e formas de as resolver.

2.2 Dificuldades a resolver no futuro (formação contínua)

Como é explícito no quadro 7, ficou por resolver o problema associado à morosidade da realização dos planos de aula. No futuro esse problema não se colocará, uma vez que, apesar das aulas continuarem a ser planificadas com o mesmo empenho, dedicação e profissionalismo, os planos de aula poderão ser

manuscrito e isso faz com que a morosidade na sua elaboração seja francamente mais reduzida.

Tendo em conta que a aprendizagem é um processo contínuo e inacabado, tenho a perfeita consciência que o futuro trará novas dificuldades que terei que procurar resolver. Para o efeito, procurarei continuar a desenvolver o meu trabalho docente, promovendo a colegialidade, a cooperação e a partilha de ideias e experiências, pois desta forma é possível interligar os meus conhecimentos com os dos restantes colegas, resolvendo desta forma algumas dificuldades.

Reconhecendo o enorme valor e importância da formação contínua, procurarei no futuro, frequentar ações de formação promovidas pelas mais diversas entidades (Colégio, APPEFis¹, associação desportivas, federações nacionais, etc.), com o intuito de enriquecer e “reciclar” os meus conhecimentos.

3 – ÉTICA PROFISSIONAL

Tendo em conta que o estágio foi realizado num Colégio pertencente à Companhia de Jesus, com o seu Projeto Educativo assente nos pressupostos da “*Ratio Studiorum*”², procurei pautar a minha postura na mesma linha do que já vinha sendo hábito desde que nele exerço funções de docência. Fui sempre assíduo e pontual, quer nas aulas que lecionei, quer em reuniões de Conselhos de Turma em que estive envolvido, quer em reuniões de Núcleo de Estágio ou outras para as quais tenha sido convocado. Apresentei sempre a minha inteira disponibilidade para colaborar com o Coordenador de Departamento Curricular e Coordenadora de Desporto Escolar, na organização do Corta-Mato do Colégio, Corta-mato Distrital em Góis, torneios desportivos dentro e fora do Colégio, Estágio de Férias da Páscoa em Esposende, etc. Apresentei igualmente a minha total disponibilidade para colaborar com o Professor Nuno Amado, durante a sua ausência, no trabalho a desenvolver com os seus grupos/equipa de Juvenis e Juniores masculinos de Voleibol. A este respeito, acompanhei as respetivas equipas, quer em treinos, quer em jogos, nomeadamente na Fase Final Regional, no Colégio de Frei Gil, que se disputou em Bustos.

¹ Associação Portuguesa de Professores de Educação Física.

² Documento elaborado em 1599 e nele está inscrita toda a metodologia pedagógica relativa às múltiplas exigências emergentes ao nível humano e religioso.

No que aos trabalhos de estágio e respetivos prazos de entrega diz respeito (Plano de Formação Individual, Projeto e respetivo relatório referente à unidade curricular de Organização e Gestão Escolar, Projetos desenvolvidos no âmbito da disciplina de Projetos e Parcerias Educativas, autoavaliação e respetiva fundamentação solicitada, primeira parte do dossiê de estágio e dossiê de estágio final), entreguei sempre tudo o que me fora solicitado, antes do término do prazo, mesmo que para isso possa, eventualmente, ter comprometido a qualidade do produto final. Assim, no que se refere ao cumprimento de prazos, penso ter sido exemplar.

Relativamente ao acompanhamento ao trabalho da Diretora de Turma do 11.ºB, apesar de esta “função” já ter cessado na segunda semana útil de aulas do segundo período, mantive-me sempre em estreita comunicação com a Diretora de Turma, procurando manter-me informado acerca do andamento escolar dos alunos ou outra situação merecedora de registo.

No que se refere aos meus colegas de estágio e aos trabalhos que com eles desenvolvi, procurei ser proactivo e não reactivo, coloquei ideias, emanei sugestões, procurando sempre fomentar um bom ambiente de trabalho e de companheirismo.

No respeitante à relação estabelecida com a Comunidade Educativa, procurei ser cooperante, participando em atividades para as quais fui solicitado, nomeadamente na visita de estudo ao Palácio da Bolsa, no Porto, na campanha do Banco Alimentar Contra a Fome, no Pão de Açúcar, em Eiras, na colaboração da Festa de Natal do Colégio, desfile de Carnaval, entre outros.

Por último, no que diz respeito aos alunos, sempre mostrei a minha disponibilidade para colaborar com eles, não só para o esclarecimento de dúvidas como superar dificuldades (cf 1.3 Inovação das práticas pedagógicas).

4 – QUESTÕES DILEMÁTICAS

Desempenhar funções de docência despoleta no professor um conjunto alargado de problemas e dificuldades para as quais nem sempre é fácil encontrar uma e só uma resposta. É deste conflito interior que surgem os dilemas, para os quais cada docente deverá estar atento e tanto quanto possível preparado. Se para os mais experientes os conflitos existem, para os menos experientes, existem em

maior escala. De acordo com Caetano, (1997), dilemas são “*conflitos interiores e práticos ocorridos em contextos profissionais*”.

Cada situação dilemática é um conflito interior, pois obriga o docente a tomar decisões, por vezes difíceis de tomar. Apesar disso, as situações dilemáticas poderão contribuir para o seu desenvolvimento profissional, uma vez que, confrontado com determinada situação ou acontecimento, o professor é estimulado a procurar soluções válidas para as suas dúvidas ou indecisões. Essa procura de soluções enriquece a sua formação enquanto docente.

Durante o estágio pedagógico vi-me confrontado com algumas questões dilemáticas para as quais me vi na necessidade de encontrar resposta.

De entre as várias questões dilemáticas que a seguir serão elencadas, a que mais tempo me acompanhou durante este longo caminho foi a conciliação das responsabilidades inerentes ao estágio e as responsabilidades profissionais. Foi bastante difícil para mim conseguir conciliar os esforços e dividi-los entre estes dois “mundos”. Obrigou-me constantemente a refletir e estabelecer prioridades. Ainda hoje, ao escrever estas linhas vêm-me à memória tantas coisas por fazer em relação à minha Direção de Turma ou mesmo o meu relatório de autoavaliação de desempenho docente! Todos os dias somos convidados a tomar decisões, uma mais simples que outras. Eu tomei as minhas e assumo-as com total responsabilidade.

No que diz respeito ao número de unidades didáticas a lecionar durante o ano letivo, foi para mim uma questão dilemática. Se por um lado a diversidade de matérias a abordar permite um aumento significativo do reportório motor dos alunos, por oposição dificulta a sua consolidação. Contudo, em reunião de núcleo de estágio foi decidida a lecionação de dez unidades didáticas repartidas por seis rotações. Após a receção do mapa de rotação de espaços, procedi à respetiva distribuição de cada uma das unidades didáticas pelos respetivos espaços, respeitando escrupulosamente as datas para a respetiva rotação (ainda que por vezes fosse benéfica a inclusão de mais aulas em determinadas unidades didáticas). Desta forma não foi possível realizar a avaliação diagnóstica no início do ano letivo a todas as unidades didáticas a lecionar, como o programa nacional da disciplina preconiza “*o começo do ano letivo, é a avaliação inicial, cujo propósito fundamental consiste em determinar as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias do respetivo ano de curso, procedendo simultaneamente à revisão/atualização dos resultados obtidos no ano anterior.*”

Relativamente à avaliação, também vivi alguns dilemas. Uma vez que o Departamento Curricular de Educação Física do Colégio não dispõe de qualquer tabela de referência relativa ao modo de avaliação do atletismo, tive algumas dúvidas sobre a forma como avaliar os alunos: no salto em comprimento, por exemplo, como avaliar? Observar a qualidade do gesto técnico ou a distância obtida?

5 – CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL

5.1 Impacto do estágio na realidade do contexto escolar

Como ficou descrito anteriormente, o ano de estágio é aquele em que o professor estagiário contacta pela primeira vez com a profissão docente. Deste modo vê-se na necessidade de confrontar os saberes adquiridos durante a sua formação inicial e as práticas da realidade do ensino (Coimbra, R. et al (2001)). Quando este confronto ocorre, o professor estagiário apercebe-se que nem tudo o que aprendeu ao longo da sua formação inicial poderá ser transferido e implementado na escola.

Enquanto professor estagiário procurei, juntamente com os meus colegas de estágio, deixar uma “marca” no Colégio. Na realidade, penso que consegui, em grande parte devido à minha entrega e apoio desinteressado e incondicional a todos os alunos, não só da minha turma como também da turma do Jorge e do Gabriel.

Julgo igualmente ter deixado “marcas” nos meus alunos, ao ponto de ser questionado sobre a possibilidade de no próximo ano poder vir a lecionar de novo nesta turma. Penso que esta pergunta reflete o reconhecimento do meu trabalho e a importância que tive para estes alunos.

Relativamente ao núcleo de estágio, sinto que também deixámos “marca” no Colégio, fundamentalmente devido à organização do Estágio de Liderança em Contexto Militar, que decorreu no Centro Militar de Educação Física e Desporto, em Mafra, entre os dias 11 e 13 de abril. Os alunos apreciaram a atividade e a maioria deles voltaria a repeti-la. O sucesso da atividade foi de tal forma que alguns dias depois, alunos de outras turmas questionaram-me sobre a possibilidade de organizar a referida atividade para outras turmas.

Relativamente ao Torneio de Voleibol, organizado pelo núcleo de estágio, foi sobejamente elogiada por todos os participantes, no campo desportivo pela

qualidade da sua organização e no campo da dinamização interna do Colégio, por ser uma atividade poucas vezes realizada mas muito querida pelos alunos. A título ilustrativo, aqui fica a opinião de um dos participantes: *“Acho que foi interessante, diferente e deveria repetir-se mais vezes. Bem organizada e deviam ser organizadas mais destas, porque não é muito comum.”*

5.2 Prática Pedagógica supervisionada

De acordo com o disposto no Decreto-Lei n.º 43/2007, de 22 de fevereiro, deve valorizar-se a *iniciação à prática profissional consagrando-a, em grande parte, à prática de ensino supervisionada, dado constituir o momento privilegiado, e insubstituível, de aprendizagem da mobilização dos conhecimentos, capacidades, competências e atitudes, adquiridas nas outras áreas (científica, humanista e tecnológica), na produção, em contexto real, de práticas profissionais adequadas a situações concretas na sala de aula, na escola e na articulação desta com a comunidade.* No seu Artigo 14.º, ponto 4, alínea a) é referido que *“as atividades integradas na componente de iniciação à prática profissional incluem a observação e colaboração em situações de educação e ensino e a prática supervisionada na sala de aula e na escola, correspondendo esta última ao estágio de natureza profissional (...)”*.

Para Alarcão e Tavares (1987), cit em Casanova, M (s.d), *“ensinar os professores a ensinar deve ser o objetivo principal de toda a supervisão pedagógica”*.

Na realidade, ao longo deste ano de estágio lembrar conhecimentos “guardados” e algumas vezes “esquecidos”. Para que isso fosse possível, contei sempre com o incondicional apoio e disponibilidade do Professor Orientador do Colégio. Esteve sempre recetivo para me ouvir, esclarecer dúvidas, incertezas e apontar caminhos. Apesar da nossa relação de proximidade, nunca se escusou a críticas, sempre construtivas, ao trabalho que desenvolvi. Durante o estágio nem tudo foi perfeito e quando isso aconteceu ele esteve comigo para me ajudar a corrigir e melhorar o meu desempenho. Quando as coisas correram bem, também recebi elogios, sinal de reconhecimento pelo meu trabalho. Fiquei muito feliz com eles mas cresci muito mais como profissional com as críticas, pois foram elas que me fizeram refletir mais sobre a minha ação e obrigaram-me a fazer melhor. Sempre

entendi os *feedbacks* recebidos como uma mais-valia para a minha formação pessoal e social. Em meu entender, os saberes são mais valiosos se foram partilhados. Foi o que o Professor Orientador fez comigo: partilhou os seus saberes e isso aumentou o meu naipe de soluções e estratégias de trabalho com os alunos.

Relativamente à supervisão pedagógica realizada pelo Professor Orientador da Faculdade destaco de forma muito positiva o seu rigor no cumprimento dos prazos de entrega de documentos solicitados (Plano de Formação Individual, Dossiê de estágio relativo ao primeiro período, dossiê final de estágio). Sou exigente comigo e com os outros. Por isso gosto muito de trabalhar com pessoas igualmente rigorosas e exigentes. Destaco e relembro cada aula observada pelo professor Orientador da Faculdade. Apreciei a forma muito clara e objetiva como indicou os aspetos passivos de melhoria na aula e formas de alcance dessa melhoria. Só um professor com larga experiência de supervisão e munido de um vasto leque de conhecimentos teóricos e práticos consegue realizar análises tão objetivas, concretas e construtivas.

5.3 Experiência pessoal e profissional

Antes de ingressar no curso de Mestrado já desempenhava funções de docência desde o ano letivo de 2002/2003, ano em que concluí a licenciatura do curso de Professores do Ensino Básico – variante de Educação Física, pela Escola Superior de Educação de Coimbra.

Em 2004 inscrevi-me e concluí o Curso de treinadores de Voleibol (nível I), para poder exercer funções de treinador de equipas de Desporto Federado.

Nos anos letivos de 2008/2009 e 2009/2010 desempenhei funções de Coordenador de Departamento de Educação Física e Delegado das Instalações Desportivas do Colégio.

Desde o ano letivo de 2004/2005 desempenho funções de docência em turmas do 2.º e 3.º ciclo do Ensino Básico, Diretor de Turma, subcoordenador do Secretariado de Exames e responsável por dois grupos/equipa de Voleibol, do Desporto Escolar. Paralelamente, trabalho com equipas de Voleibol no âmbito do Desporto Federado.

CAPÍTULO 3 – ESTUDO SOBRE *FEEDBACK*

1 – ENQUADRAMENTO DO ESTUDO

Tendo em conta a multiplicidade de fatores que intervêm no processo de ensino-aprendizagem, tornando-o demasiado complexo, surge a necessidade de o conhecer para assim tornar mais eficaz a intervenção de todos os que nele participam.

Um dos elementos de que depende a qualidade do ensino é o *feedback*. Este tem-se revelado essencial, não só no ensino das atividades físicas, mas também no ensino em geral (Brechubh et al, 1989, cit por Carlos, 1995).

O *feedback*, segundo Fishman e Anderson, (1971), cit por Cardoso (1992), pode ser descrito como um “*ensino que depende da resposta motora de um ou mais alunos e que tem como objetivo fornecer informação relacionada com a aquisição da prestação de uma habilidade motora*”.

Januário (1992), entende o *feedback* como um “*comportamento de ensino que consiste na reação do professor à prestação do aluno, com a intenção de o aperfeiçoar, intervindo no processo de aprendizagem, e com a função de avaliar a sua prestação, de descrever o seu movimento, de prescrever uma técnica ou uma componente crítica e de o interrogar sobre o que faz ou como faz*”.

Costa (1995), comunga da opinião de Januário (1992), referindo-se ao *feedback* como um “*conjunto de intervenções verbais e/ou não verbais emitidas pelo professor reagindo à prestação motora dos alunos com o objetivo de avaliar, descrever e/ou corrigir a prestação assim como de os interrogar sobre o que fizeram e como fizeram*”.

Para Sarmento et al (1998), o *feedback* é “*uma informação de retorno em função de um comportamento observado*”.

De acordo com Piéron e Devillers, (1980); Siedentop, (1983); Piéron, (1984); Simonet, (1985); Costa, (1985); Gonçalves, (1985); Correia, (1986); Lopes, (1990), cit por Carlos, (1995), o *feedback* é imprescindível e fundamental em qualquer processo de ensino-aprendizagem. Por este motivo, quase todos os sistemas de observação e investigação do ensino, têm como critério o *feedback*.

Durante o ensino das atividades físicas, a reação por parte do professor à prestação do aluno, é considerada por Piéron e Cloes, (1989), cit por Carlos, (1995), o ponto-chave do êxito pedagógico.

De acordo com Magill (1993), cit por Carlos, (1995), o *feedback* desempenha dois papéis importantes no processo de aprendizagem: um, é fornecer ao aluno informação sobre a sua prestação motora e o segundo é motivar o aluno. Mota, (1989), cit por Carlos, (1995), refere ainda uma terceira função do *feedback*: o reforço da prestação do aluno.

A qualidade das intervenções de *feedback* parecem estar dependentes do conhecimento dos modelos gestuais e da competência para diagnosticar os erros pelo processo de observação. Deste modo torna-se claro que a tarefa pedagógica de observar e corrigir os alunos é essencial na retificação de erros, promovendo as aprendizagens técnicas de forma apropriada. Através do *feedback* é possível influenciar o desempenho do aluno, confrontando-o com o modelo ideal de execução (Carlos,1995).

2 – PERTINÊNCIA DO ESTUDO

O interesse deste estudo centrou-se essencialmente na verificação e aferição das dimensões e categorias de *feedback* mais utilizadas e a sua influência no desempenho motor dos alunos. O estudo pôde, ainda, constituir um bom contributo para a minha melhoria na utilização desta competência pedagógica.

O estudo incidiu na observação de quatro aulas de 90 minutos, referentes à turma de 11.º B, em que duas das aulas foram dedicadas à lecionação de uma modalidade individual e as outras duas a uma modalidade coletiva. Desta observação foi possível verificar se existem diferenças significativas entre o *feedback* emitido em unidades didáticas referentes a modalidades individuais e modalidades coletivas.

3 – TEMA DO ESTUDO

Análise da dimensão de intervenção pedagógica - *feedback*, na turma de 11.ºB, em aulas de unidades didáticas de modalidades desportivas individuais e coletivas.

4 – FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

- Será que existem diferenças relevantes, (relativamente às categorias e dimensões de *feedback*) entre o número de *feedbacks* emitidos, em aulas cujas unidades didáticas se referem a modalidades individuais e coletivas?
- Será que, nas aulas cujas unidades didáticas abordadas são modalidades individuais, o número de *feedback* emitidos é substancialmente maior?

5 – HIPÓTESES

Por hipóteses entende-se o conjunto das afirmações que, podem ou não, ser confirmadas após a análise dos dados recolhidos. Elas derivam dos nossos conhecimentos e da percepção que temos da realidade, nomeadamente proveniente da nossa experiência e também das conversas tidas com alguns docentes da área da Educação Física.

- Hipótese 0 – Não existem diferenças relevantes, (relativamente às categorias e dimensões de *feedback*) entre o número de *feedbacks* emitidos, em aulas cujas unidades didáticas se referem a modalidades individuais e coletivas.
- Hipótese 1 - Existem diferenças relevantes, (relativamente às categorias e dimensões de *feedback*) entre o número de *feedbacks* emitidos, em aulas cujas unidades didáticas se referem a modalidades individuais e coletivas.
- Hipótese 2 – Nas aulas cujas unidades didáticas abordadas são modalidades individuais, o número de *feedbacks* emitidos é substancialmente maior.
- Hipótese 3 – Nas aulas cujas unidades didáticas abordadas são modalidades individuais, o número de *feedbacks* emitidos não é substancialmente maior.

6 – METODOLOGIA DE RECOLHA DE DADOS

6.1 Metodologia utilizada

A metodologia de trabalho utilizada foi quantitativa, uma vez que se pretendeu fazer o registo de ocorrências, compreender e analisar e com isso, aperfeiçoar a informação de retorno fornecida por mim, aos alunos. Pretendi com este trabalho compreender mais pormenorizadamente o modo como reajo à prestação, essencialmente motora, dos meus alunos.

6.2 Técnica de observação

A observação das aulas foi feita de forma direta.

6.3 Metodologia de registo de dados

O registo de dados foi realizado por ocorrências. Após a definição das dimensões e categorias de *feedback*, estas foram observadas e registadas

6.4 Procedimentos no tratamento de dados

Depois de recolhidos e registados os dados, estes foram analisados informaticamente. Os resultados obtidos foram apresentados através da utilização de gráficos referentes a cada uma das dimensões e categorias de *feedback*, em percentagem e número de ocorrências.

6.5 Dimensões e categorias de *feedback*

As dimensões e categorias de *feedback* que a seguir se apresentam baseiam-se em trabalhos realizados por Rosado (1988) e Rodrigues (1989), referidos por Sarmento (2004). De acordo com os autores referidos anteriormente, o *feedback* pedagógico pode distribuir-se por quatro dimensões e treze categorias.

DIMENSÕES	CATEGORIAS
Objetivo	Avaliativo; Prescritivo; Interrogativo; Descritivo
Forma	Auditivo; Visual; Quinestésico; Misto
Direção	Individual; Grupo; Classe/Turma
Afetividade	Positivo; Negativo

Quadro 8 – Dimensões e categorias de *feedback*, referidas por Sarmento (2004).

▪Objetivo da reação à prestação

I. *Feedback* Avaliativo: o professor fornece uma informação qualitativa da prestação do aluno;

- II. *Feedback* Prescritivo: o professor fornece uma informação concisa para uma próxima execução;
- III. *Feedback* Descritivo: o professor descreve os princípios e critérios de realização de uma atividade;
- IV. *Feedback* Interrogativo: o professor questiona o aluno sobre a sua prestação, com o objetivo de o ajudar a encontrar os seus erros ou a melhor forma de os corrigir.

▪ Forma da reação à prestação

- I. *Feedback* Auditivo: o professor fornece uma informação da prestação do aluno, de forma verbal;
- II. *Feedback* Visual: o professor intervém como resposta ao comportamento do aluno, utilizando a demonstração, imagens de vídeo, cartazes ou outras;
- III. *Feedback* Quinestésico: o professor tenta modificar a prestação motora do aluno, manipulando as diversas partes do seu corpo, consoante a habilidade a desenvolver;
- IV. *Feedback* Misto: acontece quando o professor utiliza pelo menos duas das formas acima referidas, em simultâneo.

▪ Direção da reação à prestação

- I. *Feedback* Individual: a reação à prestação é dirigida a um aluno;
- II. *Feedback* ao Grupo: a reação à prestação é dirigida a um grupo de alunos (até 50% da turma);
- III. *Feedback* à Classe: a reação à prestação é dirigida à turma (mais do que 50% da turma);

▪ Afetividade da reação à prestação

- I. *Feedback* Positivo: visa encorajar, incentivar e motivar o aluno;
- II. *Feedback* Negativo: refere-se a aspetos da prestação do aluno com uma carga emocional negativa.

7 – DISCUÇÃO DE RESULTADOS

Os resultados relativos às dimensões e categorias de *feedback* pedagógico podem ser lidos quer em ocorrências absolutas, quer em ocorrências relativas. Os seis primeiros gráficos referem-se às duas aulas relativas a uma modalidade individual e os seis gráficos seguintes referem-se a duas aulas de uma modalidade coletiva. Para maior objetividade e simplificação na leitura, os dados aparecerão sob a forma gráfica. Os gráficos n.º1 a n.º6 referem-se a dados recolhidos em aulas relativas a unidades didáticas de modalidades individuais e os gráficos n.º7 a n.º12 referem-se a dados recolhidos em aulas relativas a unidades didáticas de modalidades coletivas.



Gráfico 1 - Objetivo do *feedback* (aula 1 da unidade didática de uma modalidade individual).

Após a análise do gráfico n.º 1 é possível verificar que, relativamente ao objetivo do *feedback*, emiti predominantemente *feedbacks* Prescritivos (102). Relativamente ao *feedback* Avaliativo, utilizei-o por 30 vezes, enquanto o *feedback* Interrogativo foi utilizado por 8 vezes. O *feedback* Descritivo foi utilizado apenas uma vez.

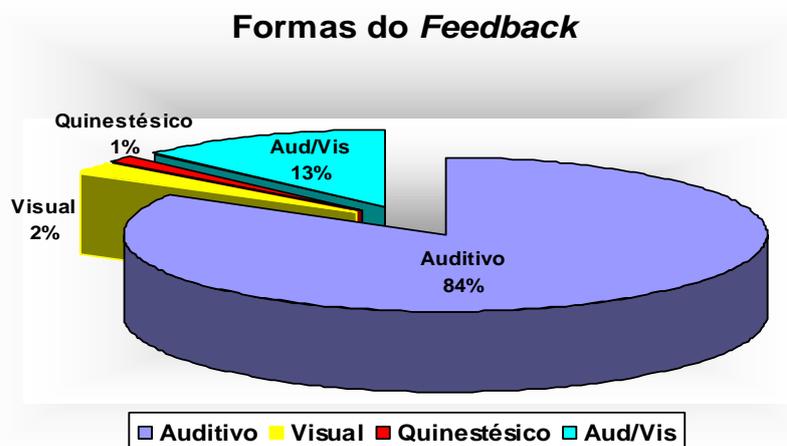


Gráfico 2 - Formas do *feedback* (aula 1 da unidade didática de uma modalidade individual).

No que se refere à forma do *feedback*, a que mais utilizei foi o *feedback* Auditivo (118), logo seguida do *feedback* Auditivo/Visual (18). As formas *feedback* Visual e Quinestésico foram utilizadas três e duas vezes, respetivamente.

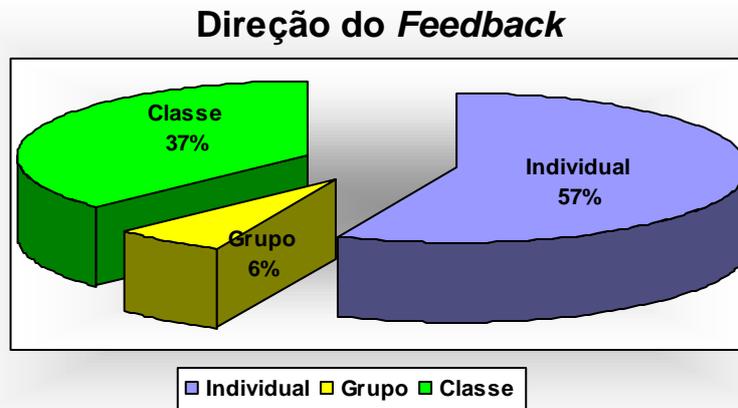


Gráfico 3 - Direção do *feedback* (aula 1 da unidade didática de uma modalidade individual).

Relativamente à direção do *feedback*, 9 foram emitidos a grupos de alunos, 52 à classe e os restantes 80 foram dirigidos alunos individualmente.

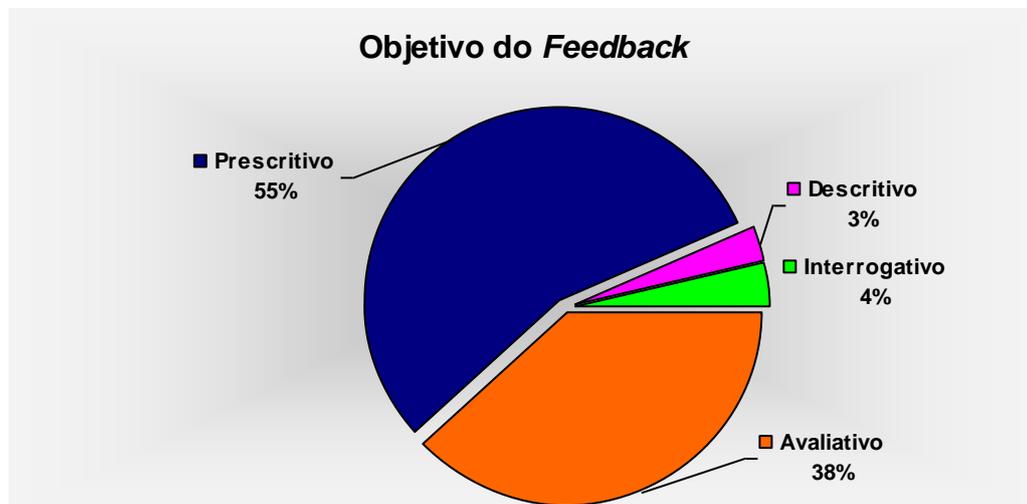


Gráfico 4 - Objetivo do *feedback* (aula 2 da unidade didática de uma modalidade individual).

Analisando o gráfico n.º 4 é possível verificar que, relativamente ao objetivo do *feedback*, emiti predominantemente *feedbacks* Prescritivos (61). Relativamente ao *feedback* Avaliativo, utilizei-o por quarenta e duas vezes, enquanto o *feedback* Interrogativo foi utilizado por quatro vezes. O *feedback* Descritivo foi utilizado três vezes.

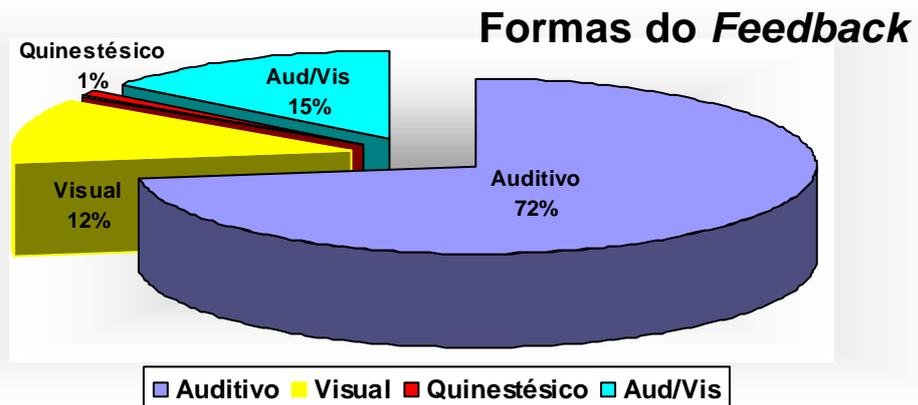


Gráfico 5 - Forma do *feedback* (aula 2 da unidade didática de uma modalidade individual).

No que à forma do *feedback* diz respeito, a que mais utilizei foi o *feedback* Auditivo (80), logo seguida do Auditivo/Visual (16). A forma de *feedback* Visual foi utilizada treze vezes e a de *feedback* Quinestésico uma vez apenas.

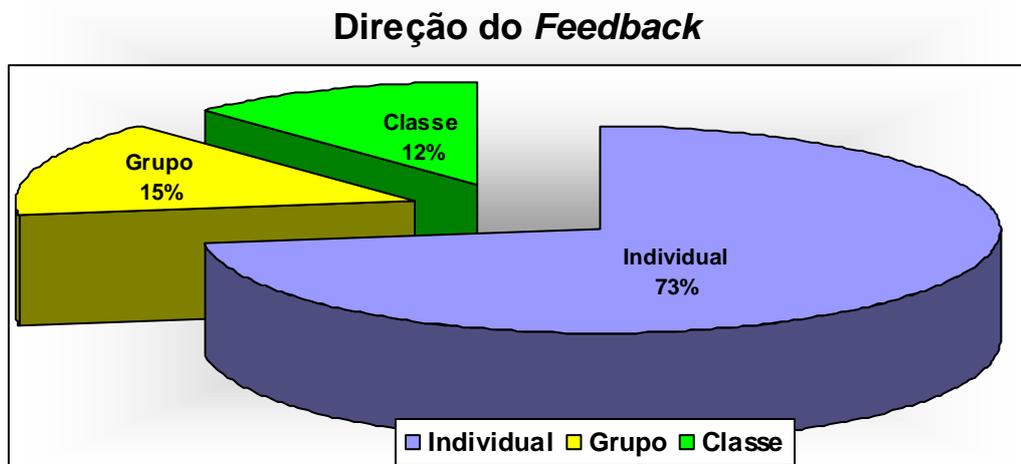


Gráfico 6 - Direção do *feedback* (aula 2 da unidade didática de uma modalidade individual).

No que concerne à direção do *feedback*, 17 foram emitidos a grupos de alunos, 13 à classe e os restantes 80 foram dirigidos alunos individualmente.

Objetivo do FB	Prescritivo		Avaliativo		Interrogativo		Descritivo	
	VP*	VA**	VP*	VA**	VP*	VA**	VP*	VA**
Aula 1	72%	102	21%	30	6%	8	1%	1
Aula 2	55%	61	38%	42	4%	4	3%	3
Forma do FB	Auditiva		Visual		Quinestésica		Aud/Vis	
Aula 1	84%	118	2%	3	1%	2	13%	18
Aula 2	72%	80	12%	13	1%	1	15%	16
Direção do FB	Individual		Grupo		Classe			
Aula 1	57%	80	6%	9	37%	52		
Aula 2	73%	80	15%	17	12%	13		
* VP - Valor em Percentagem ** VA - Valor Absoluto								

Quadro 9 - quadro resumo das aulas relativas à modalidade individual

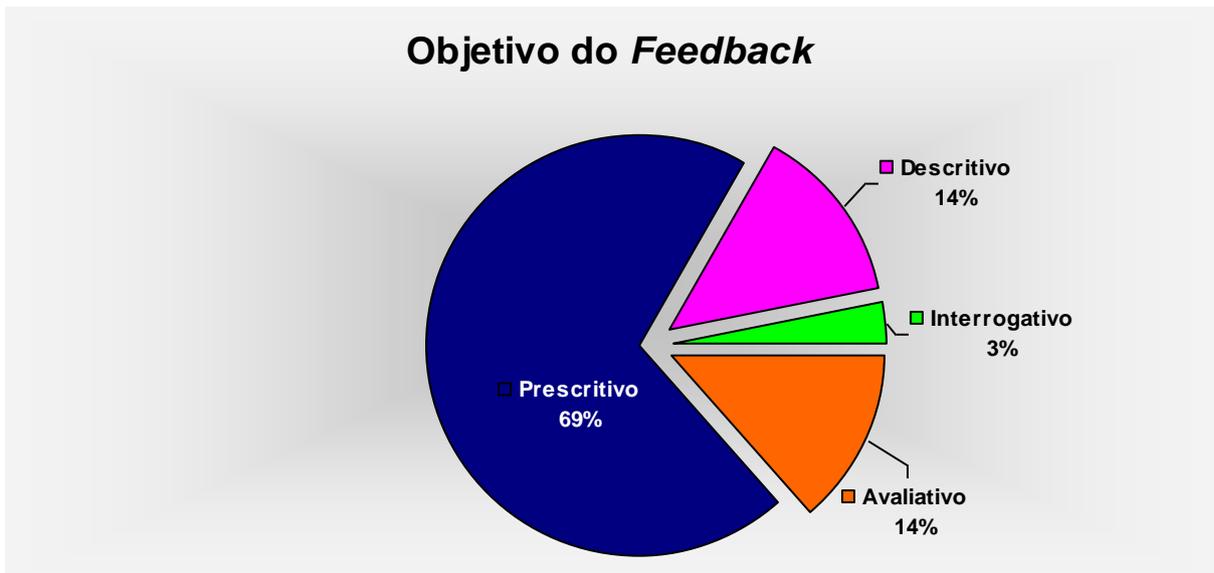


Gráfico 7 - Objetivo do *feedback* (aula 1 da unidade didática de uma modalidade coletiva).

Da observação e análise do gráfico n.º 7 é possível verificar que, do total de *feedbacks* emitidos (96), sessenta e sete deles assumem-se como Prescritivos (69%). Os *feedbacks* Avaliativos e Descritivos foram utilizados de forma equitativa, obtendo uma percentagem de 14%. Relativamente aos *feedbacks* Interrogativos, estes foram utilizados em três ocasiões.

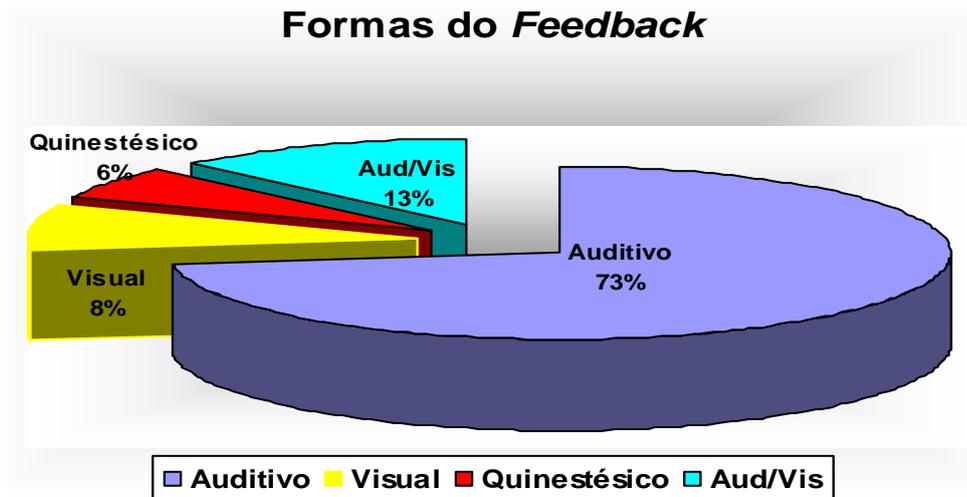


Gráfico 8 - Forma do *feedback* (aula 1 da unidade didática de uma modalidade coletiva).

No que se refere à forma do *feedback*, a que mais utilizei foi o *feedback* Auditivo (70), que corresponde a 73%. A forma de *feedback* Auditivo/Visual foi a segunda mais utilizada (12). As formas Visual e Quinestésico foram utilizadas oito e seis vezes, respetivamente.

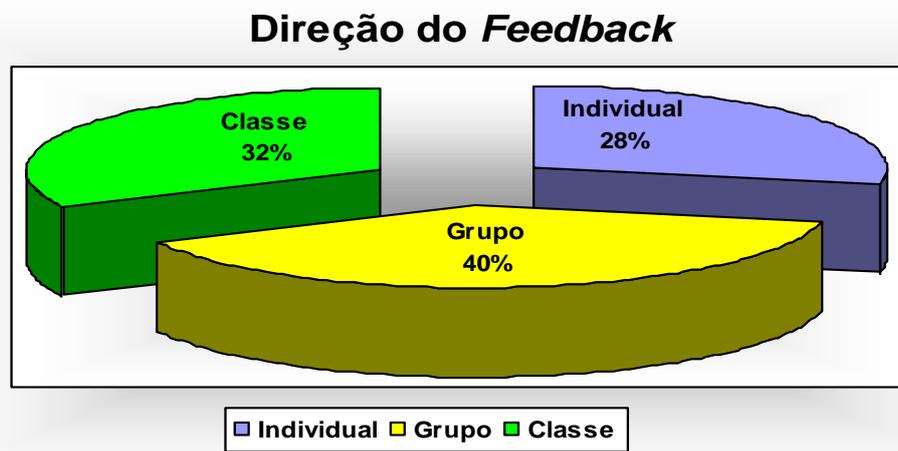


Gráfico 9 - Direção do *feedback* (aula 1 da unidade didática de uma modalidade coletiva).

Relativamente à direção do *feedback*, pela observação do gráfico n.º 9 é possível constatar que 40% destes se dirige ao grupo. Em relação à classe, este é utilizado e dirigido a esta, por trinta e uma vezes (32%). Os *feedbacks* dirigidos a alunos individualmente são utilizados em 28% das situações.

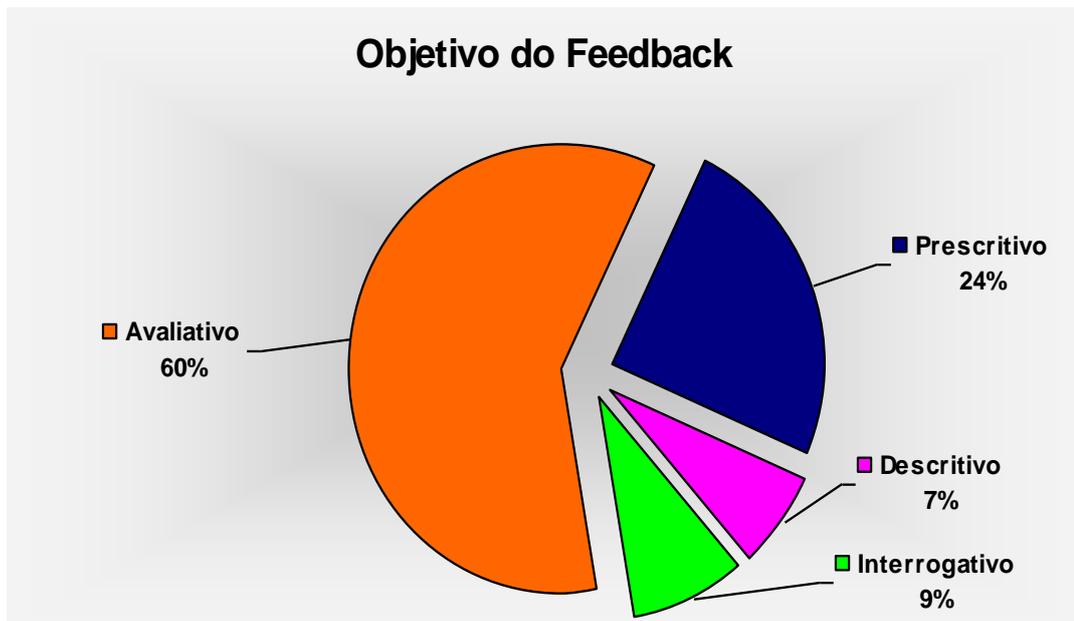


Gráfico 10 - Objetivo do *feedback* (aula 2 da unidade didática de uma modalidade coletiva).

Analisando o gráfico n.º 10 verifica-se que, relativamente ao objetivo do *feedback*, emiti predominantemente *feedbacks* Avaliativos (60%). Relativamente aos *feedbacks* Prescritivos, utilizei-os por dezassete vezes, enquanto os *feedbacks* Interrogativos foram utilizados por nove vezes. Os *feedbacks* Descritivos foram utilizados em sete ocasiões.

Formas do Feedback

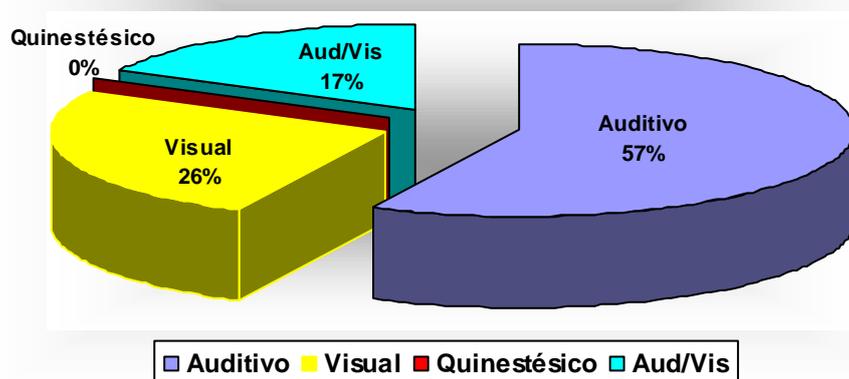


Gráfico 11 - Formas do *feedback* (aula 2 da unidade didática de uma modalidade coletiva).

No que à forma do *feedback* diz respeito, a que mais utilizei foi o *feedback* Auditivo (57%), logo seguido do *feedback* Visual (26%). A forma de *feedback* Auditivo/ Visual foi utilizada em 17% das situações.

Direção do *Feedback*

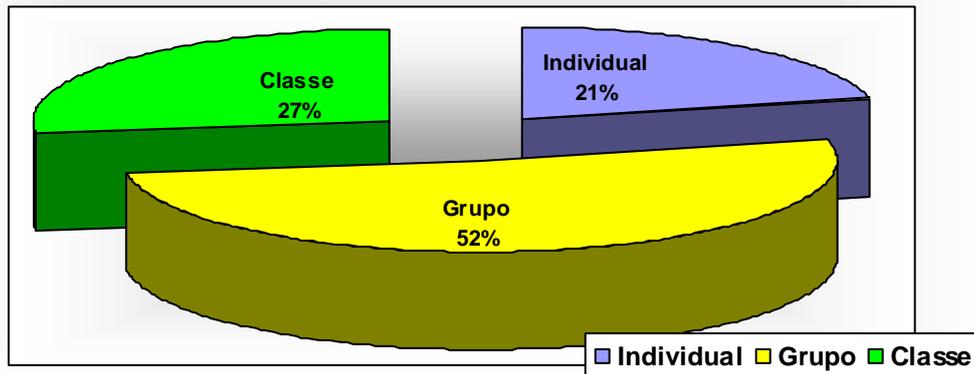


Gráfico 12 - Direção do *feedback* (aula 2 da unidade didática de uma modalidade coletiva).

No que concerne à direção do *feedback*, dos setenta emitidos, 36 foram dirigidos ao grupo (52%), 19 foram dirigidos à classe (27%) e 15 foram dirigidos a alunos individualmente.

Objetivo do FB	Prescritivo		Avaliativo		Interrogativo		Descritivo	
	VP*	VA**	VP*	VA**	VP*	VA**	VP*	VA**
Aula 1	69%	67	14%	13	3%	3	14%	13
Aula 2	24%	17	60%	42	9%	6	7%	5
Forma do FB	Auditiva		Visual		Quinestésica		Aud/Vis	
Aula 1	73%	70	8%	8	6%	6	13%	12
Aula 2	57%	40	26%	18	0%	0	17%	12
Direção do FB	Individual		Grupo		Classe			
Aula 1	28%	27	40%	38	32%	31		
Aula 2	21%	15	52%	36	27%	19		
* VP - Valor em Percentagem ** VA - Valor Absoluto								

Quadro 10 - quadro resumo das aulas relativas à modalidade coletiva.

Após a análise detalhada de todos os dados recolhidos é possível verificar que, relativamente ao objetivo do *feedback*, o Prescritivo é aquele que mais utilizei, fundamentalmente quando se tratou de uma modalidade individual (Cf quadro n.º 8). O mesmo não se verificou quando a modalidade foi coletiva. Neste caso, verificou-se que na segunda aula da modalidade coletiva, o objetivo de *feedback* mais utilizado foi o *feedback* Avaliativo (Cf quadro n.º 9). Estudos realizados por Piéron (1983), cit por Cardoso (1992), indicam que o *feedback* é sobretudo Prescritivo, com uma média superior a 41%, na modalidade coletiva (Voleibol). O mesmo estudo refere

que, em Ginástica (modalidade individual), o *feedback* Avaliativo é o que mais predomina, com uma percentagem de 35%.

Relativamente à forma do *feedback*, aquela que mais predominou nas minhas aulas foi a forma de *feedback* Auditivo. Neste caso, esta situação aconteceu quer em aulas de modalidades individuais, quer coletivas. Piéron & Delmelle (1983), cit por Cardoso (1992), referem que a grande maioria dos *feedbacks* se situa quanto à sua forma, na reação verbal. Nas suas investigações, Fishman & Tobey (1978), cit por Cardoso (1992), comungam da mesma perspetiva de Piéron & Delmelle, referindo que mais de 95% dos *feedbacks* assumem a forma Auditiva. Para estes autores, o *feedback* auditivo predomina tanto na Ginástica (modalidade individual) como no Voleibol (modalidade coletiva). No estudo realizado por Piéron (1983) cit por Cardoso (1992), nas modalidades de Ginástica e Voleibol, no que respeita à forma de *feedback*, os resultados foram os seguintes:

Forma do feedback	Auditiva	Visual	Quinestésica	Aud/Vis	Aud/Quin
Ginástica	85,5%	0,7%	1,4%	6,2%	6,3%
Voleibol	83,9%	1,4%	0,3%	11,6%	2,8%

Quadro 11 – resultados do estudo de Piéron (1983), cit por Cardoso (1992) acerca da Forma do *Feedback*.

Comparando os resultados obtidos por Piéron cit por Cardoso (1992) com os meus, relativamente à forma do *feedback*, é possível constatar algumas semelhanças, uma vez que, também nas aulas por mim lecionadas, a forma de *feedback* mais utilizada foi o *feedback* Auditivo.

No que se refere à direção do *feedback*, verifica-se que, em aulas de modalidade individuais os *feedbacks* por mim emitidos foram predominantemente dirigidos a indivíduos individualmente. Por seu turno, em aulas de modalidades coletivas, os *feedbacks* foram emitidos com maior frequência a grupos de alunos.

Os estudos de Piéron & Roland (1983), cit por Cardoso (1992), referem que os professores observados, obtiveram 77,3% das reações dirigidas a um aluno individualmente, 13,1% à classe e 9,7 ao grupo. Estudos realizados por Piéron & Devillers, (1980), cit por Cardoso (1992) com professores estagiários vêm confirmar esta tendência, uma vez que 80% das reações do professor são dirigidas a um aluno individualmente. Também no ensino Americano, a escolha de fazer do *feedback* uma intervenção quase exclusivamente individual está bem patente nos 77,2% de

intervenções dirigidas a um aluno, 17,3% a grupos de alunos e 5,5% á classe (Fishman & Tobey, (1978) cit por Cardoso (1992).

8 – CONCLUSÕES

A partir da recolha e análise dos dados, relativamente às aulas lecionadas por mim, podem referir-se como conclusões deste trabalho, as seguintes:

- i. Em modalidades individuais, o número de *feedbacks* emitidos é superior ao número de *feedbacks* emitidos em modalidades coletivas;
- ii. Em modalidades individuais, os *feedbacks* assumem predominantemente uma intenção prescritiva, uma forma auditiva e dirigidos a alunos individualmente;
- iii. Em modalidades coletivas, a intenção do *feedback* e a direção vão alterando à medida que o tempo destinado ao desenvolvimento da modalidade vai avançando. Assim, à medida que o tempo da unidade didática avança, o objetivo de *feedback* deixa de ser Prescritivo e passa a ser Avaliativo. O aluno, de um modo geral, deixa de depender de uma informação “técnica” para realizar com correção o que se pretende. Por outro lado, e por uma questão de motivação o aluno precisa que o professor lhe diga o que está a fazer bem e o que precisa de melhorar. Em relação à direção, esta deixa de ser orientada para o individuo e passa a ser norteada para o grupo. Sendo uma modalidade coletiva, o êxito da equipa depende do desempenho do grupo. Deste modo, o professor fornece informação ao grupo, que, depois de interpretada por todos, permite a aprendizagem e a melhoria dos indivíduos que o compõem;
- iv. O número de aulas analisado, apesar de reduzido permitiu verificar que o número de *feedbacks* emitidos vai sendo menor à medida que o tempo da unidade didática vai avançando. No início de cada unidade didática os alunos, pela sua prestação motora, necessitam de mais informações de retorno sobre o resultado do seu desempenho;

BIBLIOGRAFIA

- Alves, M. (1991). *A formação contínua dos professores*. Revista Portuguesa de Pedagogia, Vol.25 N.º2.
- Alves, M. (2010). *Trabalho Docente, Formação e Avaliação*. Edições Pedagogo. Mangualde.
- Bento, J. (1987). *Desporto Matéria de Ensino*. Lisboa: Caminho.
- Bento, J. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte, Lisboa.
- Caetano, A. (1997). *Dilemas dos professores*. In: ESTRELA, M.T. (org.) *Viver e construir a profissão docente*. Porto: Porto Editora, Coleção Ciências da Educação, n. 26.
- Caetano, A. & Silva, M. (2009). *Ética profissional e Formação de Professores*. Revista de Ciências da Educação, n.º 8. Jan/abr 09.
- Campos, D. (1986). *Psicologia da aprendizagem*. Petrópolis: Vozes.
- Cardoso, C. (1992) *Comparação das funções de feedback em professores de Educação Física com diferentes formações iniciais (Licenciados e Bacharéis)*. Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior de Educação.
- Carlos, A. (1995) *A importância do feedback no ensino das atividades físicas*. In o Professor. Janeiro/Fevereiro 1995; III Série.
- Casanova, M (S.D). *Supervisão pedagógica: Função do Orientador de estágio na Escola*. Comunicação a ser inserida no âmbito do seminário “Modelos e Práticas de Formação Inicial de Professores”.
- Coimbra, R., Ferreira, A., Martins F. (2001) *Quem tem medo do estágio? Contributos para a definição do perfil do estagiário da UA, Professores de Português: Quem somos? Quem podemos ser?* Atas do 4.º Encontro Nacional da Associação de Professores de Português, Março de 2001. Lisboa: APP e ESE de Lisboa.
- Costa, F. (1995); *O Sucesso Pedagógico em Educação Física. Estudo das condições e fatores de Ensino - Aprendizagem associados ao êxito numa unidade de ensino*. Edições F.M.H.
- Costa, F. (1996). *Formação de Professores em Educação Física – conceção, investigação, prática*. Edições F.M.H. Lisboa.

- Documentos de apoio à disciplina de Didática da Educação Física e do Desporto Escolar, da Faculdade de Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (2009/2010).
- Estrela, M. (2002). *Síntese da Investigação sobre Formação Inicial de Professores em Portugal*. Porto Editora.
- Font, C. (2007). *Estratégias de Ensino e Aprendizagem*. Col. Prática Pedagógica. Edições ASA. Porto.
- Garganta, J. (1991). *Planeamento e periodização do treino futebol*. Revista Horizonte, Vol. VII – n.º 42
- Godinho, M. (1996). *Aprendizagem Motora: Informação de retorno sobre o resultado*. Edições FMH.
- Gracos (1980). *Ideário dos Colégios da Companhia de Jesus em Portugal*. Braga.
- Jacinto, J.; Carvalho, L.; Comédias, J.; Mira, J. (2001). *Programa de Educação Física 10.º, 11.º e 12.º anos Cursos Científico-humanísticos e Cursos Tecnológicos*. Ministério da Educação. Departamento do Ensino Secundário.
- Lopes, A. (2009). *Refletir para (re)construir modos de supervisionar*. Atas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga.
- Januário, C. (1992). *O Pensamento do Professor - Relação entre as Decisões Pré-Interativas e os Comportamentos Interativos de Ensino em Educação Física*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa.
- Kalish, A. (2008) *O uso da informação de feedback para melhorar as práticas de ensino*. The Ohio State University, Columbus, EUA.
- Lopes Sj, J. (1997). *Projeto Educativo dos Colégios da Companhia de Jesus*. Editorial A. O. – Braga.
- Marques, A. (2004). *O ensino das atividades físicas e desportivas – fatores determinantes de eficácia*. Revista Horizonte, Vol. XIX – n.º 111.
- Mesquita, E. (2011). *Competências do Professor*. Edições Sílabo, Lda. Lisboa.
- Piéron, M. (1992). *Pedagogie des Activités Physiques et des Sport, ed. Revue EPS*. Paris.
- Piéron, M. (1996). *Formação de Professores - Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica*. Faculdade de Motricidade Humana
- Portela, A (2009). *Perceção de estudantes estagiários relativamente à avaliação em Educação Física, quanto ao género e à modalidade desportiva*. Dissertação de Mestrado apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- Quina, J. (2009). *A organização do processo de ensino em Educação Física*. Bragança: Edição do Instituto Politécnico de Bragança.
- Rebelo, R. (2009). *Autoperceção das competências profissionais específicas do profissional de Desporto*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Ribeiro, A. (1989). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Universidade Aberta. Lisboa.
- Ribeiro, A. (1999). *Currículo: natureza e âmbito*. In *Desenvolvimento Curricular*. Lisboa: Texto Editora.
- Rodrigues, J. (1997). *Valores e expectativas dos professores-estagiários*. Comunicação apresentada no I Congresso Nacional de Supervisão na Formação – Contributos Inovadores – Universidade de Aveiro – 1997.
- Roldão, M. (2009). *Estratégias de Ensino. O saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Roldão, M.; Alarcão, I.; Leitão, A. (2009). *Prática Pedagógica supervisionada e feedback formativo co-construtivo*. Revista Brasileira de formação de professores – RBFP.
- Sarmiento, P.; Rosado, A.; Rodrigues, J.; Veiga, A. & Ferreira, V. (1998). *Pedagogia do Desporto - Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto*. Edições FMH.
- Sarmiento, P. (2004) *Pedagogia do Desporto e observação*. Edições FMH.
- Sebenta da disciplina de Investigação Educacional, da Faculdade de Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (2009/2010).
- Siedentop, D. (1976). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Houghton Mifflin Company, Boston.
- Siedentop, D. & Eldar, E. (1989) - *Expertise, Experience and Effectiveness*. Journal of Teaching Physical Education, 8.
- Siedentop, D. (1998). *Aprender a enseñar la educación física*. INDE.
- Despacho normativo n.º 6/2010, de 19 de fevereiro.
- Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março.
- Decreto-Lei n.º 43/2007, de 22 de fevereiro;
- Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de Janeiro.
- Despacho Normativo n.º 6/2010, de 19 de Fevereiro.
- Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto, artigo 3.º.

ANEXOS

Anexo I – Mapa de rotação dos espaços (*roulement*)

PAVILHÃO 1						PAVILHÃO 2						Sala de Ginástica						PAVILHÃO 4					
Seg	Ter	Qua	Qui	Sex		Seg	Ter	Qua	Qui	Sex		Seg	Ter	Qua	Qui	Sex		Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	
5A	6B	11A	7D	10B		M1A	11C	8C	6D	MO2		11B	7B	5B	8A	10A							
5A	6B	11A	7D	10B		M1A	11C	8C	6D	MO2		11B	7B	5B	8A	10A							
INTERVALO						INTERVALO						INTERVALO						INTERVALO					
11A	10B	12A		12A		6A	12B	5C		8B		6C	10A	11B		C2A							
11A	10B	12A		12A		6A	12B	5C		8B		6C	10A	11B		C2A							
INTERVALO						INTERVALO						INTERVALO						INTERVALO					
6B	8E	5D	9D	7A		6D	8B	11C	12B	8C		7B	7C	8D	C1A	8D		P3A					
		5D						11C						8D				P3A					
ALMOÇO						ALMOÇO						ALMOÇO						ALMOÇO					
7A	7D		5D	8E		9A	9A		6A	9C		7C	8A		5B	9B							
7A	9D		5A	8E		9A	9C		5C	9C		7C	9B		6C	9B							

Ana Cristina	Ana Vicente	Firmino Pires	Francisco Cardoso	Nelson Matos	Nuno Amado	Paulo Gonçalves
--------------	-------------	---------------	-------------------	--------------	------------	-----------------

1ª Rotação		2ª Rotação		3ª Rotação		4ª Rotação	
15 de Setembro a 28 de Outubro	31 de Outubro a 16 de Dezembro	03 de Janeiro a 02 de Fevereiro	06 de Fevereiro a 23 de Março				
5ª Rotação		6ª Rotação		Pavilhão 1		Pavilhão 2	
10 de Abril a 11 de Maio	14 de Maio a 08 ou 15 de Junho	Voleibol, Atletismo, Andebol, Rúgbi	Escalada, Badminton, Futebol, Orientação, Corfebol, Basquetebol				

Anexo II – Inventário do Material Desportivo

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
BASQUETEBOL	✚Bolas Molten	6
	✚Bolas Mikasa	6
	✚Bolas Kipsta	12
	✚Bolas Molten (em stock)	14
	✚Tabelas (de interior) (oficiais)	2
	✚Tabelas de exterior	6
	✚Tabelas fixas Ginásio	8
	✚Carros para bolas	2
	✚Campo de Basquetebol (interior)	4
	✚Campo de Basquetebol (exterior)	3

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
FUTEBOL	✚Bolas Nike	20
	✚Bolas Adidas (Futsal)	8
	✚Bolas Nike (em stock)	4
	✚Bolas Adidas (Futsal) (em stock)	7
	✚Bolas Molten (Futsal) (em stock)	2
	✚Balizas de futebol de 11	2
	✚Campo de futebol de 11	1
	✚Balizas de futebol de 5	6
	✚Campo de futebol de 5	3

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
CORFEBOL	✚Bola Mikasa	1
	✚Cestos com base	2

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
BADMÍNTON	✚Redes	3
	✚Postes	3
	✚Raquetas	26
	✚Volantes	30
	✚Campos	3

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
CANOAGEM	✚Canoas duplas	20
	✚Canoas individuais	1
	✚Pagaias	21
	✚Coletes	21

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
ATLETISMO	✚ Blocos de partida	4
	✚ Barreiras	20
	✚ Postes de salto em altura	2
	✚ Fasquia de salto em altura	1
	✚ Elástico (para salto em altura)	1
	✚ Dardos	10
	✚ Testemunhos	16
	✚ Pesos de 1Kg	2
	✚ Pesos de 2Kg	3
	✚ Pesos de 3Kg	3
	✚ Pesos de 4Kg	2
	✚ Pesos de 5Kg	3
	✚ Pesos de 6Kg	2
	✚ Pesos de 7Kg	1
	✚ Discos de 1Kg	2
	✚ Discos de 1,5Kg	2
	✚ Discos de 2Kg	2

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
VOLEIBOL	✚ Bolas Molten	10
	✚ Bolas Mikasa	10
	✚ Bolas Mikasa MG MVL 2001 (em stock)	2
	✚ Bolas Molten (em stock)	5
	✚ Bolas Mikasa MVP 200 (em stock)	2
	✚ Bolas Sportzone (em stock)	10
	✚ Bolas Kipsta (em stock)	9
	✚ Campo de Voleibol (interior)	4
	✚ Campo de Voleibol (exterior)	2
	✚ Rede (campo interior)	8
	✚ Rede (campo exterior)	3
	✚ Rede (campo de mini voleibol)	9
	✚ Varetas	5 pares
	✚ Postes (campos interiores)	6
	✚ Postes (campos exteriores)	4

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
RÂGUEBI	✚ Bola de Borracha (Gilbert)	1
	✚ Bola Couro (Gilbert)	3

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
CORFEBOL	✚ Bola Mikasa	1
	✚ Cestos com base	2

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
ESCALADA	✚ Cordas	4
	✚ Boudrier	9
	✚ Mosquetões	15
	✚ Express	5
	✚ “Oitos”	6
	✚ Gri gri	2
	✚ Roldanas	4
	✚ Cintas	1
	✚ Parede de escalada	1
	✚ Vias de escalada	4

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
GINÁSTICA	✚ Colchões	25
	✚ Plinto	2
	✚ Plinto de espuma	1
	✚ Banco sueco	3
	✚ Trampolim reuther	1
	✚ Trampolim sueco	2
	✚ Mini trampolim	2
	✚ Trave olímpica	1
	✚ Barra fixa	1
	✚ Bock	1
	✚ Colchão de quedas	5
	✚ Bola medicinal	14
	✚ Espaldar	3
	✚ Tapete	1
	✚ Arcos	20

	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
“DIVERSOS”	✚ Fita métrica	2
	✚ Painéis rolantes para divisão de campos	10
	✚ Pinos sinalizadores	14
	✚ Mesas/cadeiras	4
	✚ Marcador de mesa (pontos/golos)	4
	✚ Megafone	1
	✚ Carros para bolas	20

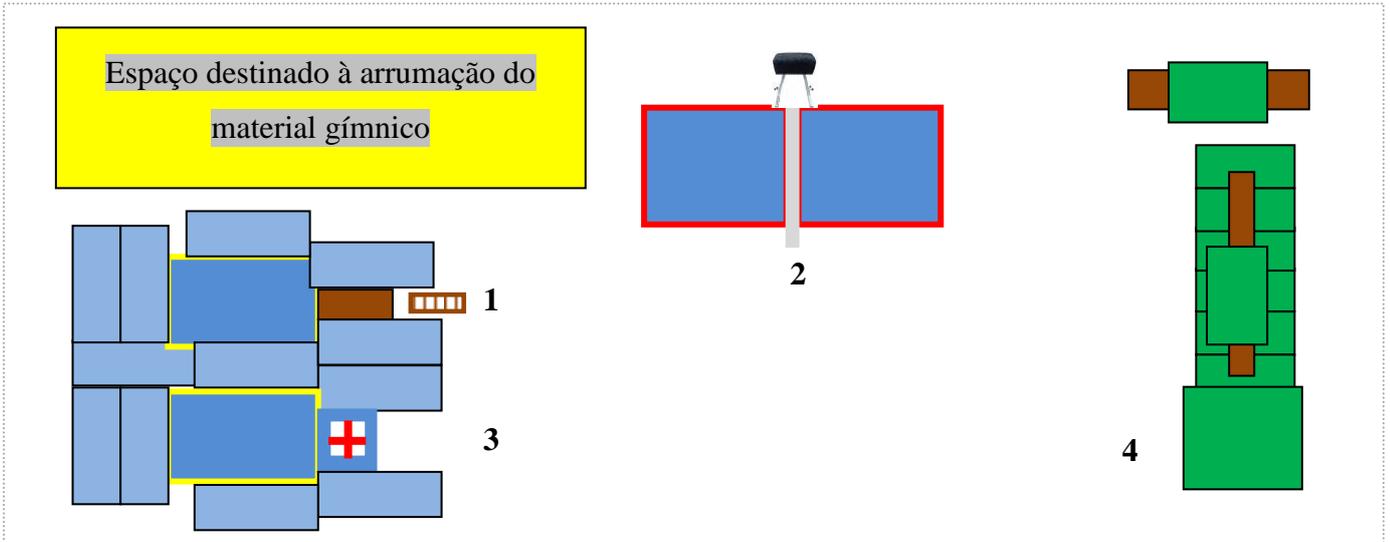
	DESIGNAÇÃO/ REFERÊNCIA	QUANTIDADE
ANDEBOL	✚Bolas Borracha (branca/vermelha)	20
	✚Bolas Borracha (Andebol Praia)	5
	✚Bolas Bambis – Azuis borracha	10
	✚Bolas Bambis - Laranja borracha	2
	✚Bolas Infantis	40
	✚Bolas Iniciados	23
	✚Bolas Juvenis / Juniores / Séniores	28
	✚Bolas Borracha (amarelo) KATZ nº1	10
	✚Bolas Borracha (amarelo) KATZ nº1	10
	✚Bolas Penalty (DE) n.º 1	2
	✚Bolas Penalty (DE) n.º 2	2
	✚Bolas Penalty (DE) n.º 3	2
	✚Bolas Molten nº2	9
	✚Bola oficial para jogo (n.º 1)	1
	✚Bola oficial para jogo (n.º 2)	1
	✚Bola oficial para jogo (n.º 3)	1
	✚Balizas de alumínio	2
	✚Balizas de ferro	2
	✚Balizas de Mini Andebol	2
	✚Redes de baliza	8
	✚Fixador com varão roscado	8
	✚Campo de Andebol (interior)	1
	✚Campo de Andebol (exterior)	1

Anexo III – Exemplo de um Plano de Aula

Professor Orientador		Nuno Amado				Professor Estagiário		Nelson Matos	
Ano letivo	11/12	Período	1.º	Aula(s) Nº	19 e 20	Dia	24 Out 2011	Hora	08:30
Turma	11ºB	Nº Estudantes	25	Estudantes Previstos para Prática	24	Estudantes com atestado médico	1		
U. Didática	Ginástica de aparelhos	N.º aula(s) U.D.	7/8	Total	10	Local	Sala de ginástica	Duração	90'
Função Didática	Exercitação e consolidação dos conteúdos abaixo indicados.								
Objetivo (s) da Aula/Sumário	Exercitar e consolidar os conteúdos abaixo indicados.								
Conteúdos	Salto de eixo e salto entre mãos no plinto longitudinal ; Salto de carpa com M.I. afastados e pirueta, no mini trampolim ; subida de frente, meia volta, rolamento à frente com M.I. estendidos, balanços e cambiada, na barra fixa ; entrada em salto de eixo, meia volta, salto vertical, avião, R.F. com M.I. afastados e saída em rodada, na trave olímpica .								
Recursos Materiais	Colchões; colchões de queda; cones; trampolim reuther; plinto; mini trampolim; trave olímpica, barra fixa, bancos suecos e boque.								
Tempo	Tarefas	Objetivos Específicos	Organização	Critérios de êxito/ Componentes Críticas	Estratégia/ Estilos de Ensino				
PARTE INICIAL									
08H 30'	(5')	Os Estudantes equipam-se no balneário							
08H 35'	(2')	Verificação e controlo das presenças e do material dos estudantes.	Controlar as presenças dos estudantes.	Estudantes sentados, de frente para o professor	Os estudantes mantêm-se atentos à "chamada".	O professor verifica o número de estudantes presentes na sala.			
08H 37'	(5')	Informação aos Estudantes sobre os objetivos da aula e motivar os Estudantes para a mesma. Relembrar as normas de segurança e transporte do material.	Informar os estudantes acerca dos objetivos da aula e motivá-los para a mesma	Estudantes sentados, de frente para o professor.	Os estudantes mantêm-se atentos e intervêm quando solicitados.	Comando			
08H 42'	(2')	Ativação Geral Mobilização Articular: Rotação dos tornozelos → joelhos → cintura → pélvica → cintura escapular → cabeça → pulsos	Adaptar o organismo ao exercício físico	Estudantes dispostos em xadrez, de frente para o professor	Os estudantes realizam os exercícios com correção.	Estilo de Ensino por Comando			
08H 44'	(5')	Corrida: Ao sinal do Prof. os estudantes efetuam: rotação de M.S. à frente e à retaguarda, corrida lateral, "skipping" alto, "skipping" nadegueiro. Em seguida andam calmamente repondo o equilíbrio respiratório.	Adaptar o organismo ao exercício físico	Estudantes dispostos em fila indiana, realizam corrida contínua e, ao sinal do professor, efetuam os exercícios indicados por ele.	Os estudantes realizam os exercícios com correção.	Estilo de Ensino por Comando			
08H 49'	(6')	Desenvolvimento de trabalho de flexibilidade	Melhorar os índices de flexibilidade dos estudantes	Estudantes dispostos em xadrez, sentados no solo e de frente para o professor, •Fletem um dos M.I. mantendo o outro em extensão. Em seguida realizam flexão do tronco à frente tentando tocar com a testa no joelho do M.I. estendido; •Afastam lateralmente os M.I em extensão, fletem o tronco à frente e aproximam o tronco o mais possível do solo. •Estudantes 2x2: 1 deitado no solo em decúbito dorsal e com um M.I em extensão e elevação superior. O outro ajoelha-se junto dele e segura o M.I. que se encontra em elevação superior, enquanto este faz força, tentando empurrar o colega. Depois trocam de posições.	Os estudantes realizam os exercícios com correção e com a máxima amplitude possível.	Estilo de Ensino por Comando			
PARTE FUNDAMENTAL									
08H 55'	(5')	Montagem e transporte do material, por estações.	Os estudantes preparam o material para a	Turma dividida em 4 grupos: 1 grupo com 6 rapazes; 1 grupo com 5 rapazes; 1 grupo com 6 raparigas e um grupo com 5	Os estudantes transportam o material, respeitando as regras de segurança	Os Estudantes transportam o material relativo à			

			aula	raparigas.		estação indicada pelo professor
09H 00'	44' (11' X 4)	Estação 1 – Plinto longitudinal (realização do salto de eixo e salto entre mãos).	Os Estudantes realizam salto de eixo e salto entre mãos.	Turma dividida em 4 grupos: 1 grupo com 6 rapazes; 1 grupo com 5 rapazes; 1 grupo com 6 raparigas e um grupo com 5 raparigas.  	A) Os estudantes realizam o salto de eixo, sobre o plinto, na posição longitudinal; B) Os estudantes realizam o salto entre mãos, sobre o plinto, na posição longitudinal;	Os estudantes realizam o elemento gímnico referente à estação em que se encontram. Ao sinal do professor, (a cada 11') os Estudantes trocam de estação.
	Estação 2 – Barra fixa (realização do rolamento à frente com M.I. estendidos subida de frente, meia volta, balanços e cambiada).	Os Estudantes realizam subida de frente, meia volta, rolamento à frente com M.I. estendidos, balanços e cambiada.	Turma dividida em 4 grupos: 1 grupo com 6 rapazes; 1 grupo com 5 rapazes; 1 grupo com 6 raparigas e um grupo com 5 raparigas. <u>NOTA: apenas os rapazes passam por esta estação.</u>	Os estudantes realizam os elementos gímnicos, de acordo com as suas componentes críticas fundamentais;		
	Estação 3 – Mini trampolim (realização do salto de carpa com M.I. afastados e pirueta vertical).	Os Estudantes realizam o salto de carpa com M.I. afastados e pirueta vertical.	Turma dividida em 4 grupos: 1 grupo com 6 rapazes; 1 grupo com 5 rapazes; 1 grupo com 6 raparigas e um grupo com 5 raparigas.  	A) Os estudantes realizam a pirueta vertical, no mini trampolim; B) Os estudantes realizam o salto de Carpa com M.I. afastados, no mini trampolim;		
	Estação 4 – Trave olímpica (realização da entrada em salto de eixo, meia volta, salto vertical, avião, R.F. com M.I. afastados e saída em rodada)	Os Estudantes realizam a entrada em salto de eixo, meia volta, salto vertical, avião, R.F. com M.I. afastados e saída em rodada.	Turma dividida em 4 grupos: 1 grupo com 6 rapazes; 1 grupo com 5 rapazes; 1 grupo com 6 raparigas e um grupo com 5 raparigas. <u>NOTA: apenas as raparigas passam por esta estação.</u>	Os estudantes realizam os elementos gímnicos, de acordo com as suas componentes críticas fundamentais;		
PARTE FINAL						
09H 44'	2'	Retorno à calma	Alongar os principais grupos musculares trabalhados na aula	Estudantes dispostos em xadrez, de frente para o professor	Os estudantes realizam os exercícios de alongamento com correção.	Estilo de Ensino por Comando
09H 46'	2'	Esclarecimento de dúvidas e fornecimento de feedbacks;	Dissipar dúvidas aos estudantes.	Estudantes sentados, de frente para o professor.	Os estudantes mantêm-se atentos	Estilo de Ensino por Comando
09H 48'	2'	Arrumação do material;	Os estudantes cooperam na arrumação do material utilizado na aula		O material é arrumado e o espaço de aula fica como se encontrava no início da mesma	Estilo de Ensino por Tarefa
0H 50'	10'	Higiene pessoal.				
10H 00'		Fim da aula				

Disposição espacial da aula



JUSTIFICAÇÃO DO PLANO DE AULA

ORDEM DE ROTAÇÃO ENTRE AS ESTAÇÕES

	1. ^a ROTAÇÃO	2. ^a ROTAÇÃO	3. ^a ROTAÇÃO	4. ^a ROTAÇÃO
1 – PLINTO	1MASCULINO	2FEMININO	1FEMININO	2MASCULINO
2 – BARRA FIXA	2MASCULINO	1MASCULINO	2MASCULINO	1MASCULINO
3 – MINI TRAMPOLIM	1FEMININO	2MASCULINO	1MASCULINO	2FEMININO
4 – TRAVE OLÍMPICA	2FEMININO	1FEMININO	2FEMININO	1FEMININO

1MASCULINO	2MASCULINO	1FEMININO	2FEMININO
João	Pedro	Sara	Diana
Pedro	Carlos	Ana	Sweine
Tiago	Miguel	Sara	Carolina
Marco	Pedro	Ana	Rita
João	Fábio	Beatriz	Mariana
Luís		Beatriz	

REFLEXÃO APÓS A AULA

Planeamento:

Instrução:

Gestão:

Clima:

Feedback:

Anexo IV – Ficha de registo de avaliação diagnóstica de atletismo

		Avaliação diagnóstica de ATLETISMO					
ANO: 11.º		TURMA: B		DATA: 11/04/2012			
N.º	NOME	Lançamento do Peso	Corrida de barreiras	Salto em Comprimento	Média	%	1 A 20 Val
51		2	3	2	2,333333	77,8	15,6
130		2	2	2	2	66,7	13,3
217		2	2	2	2	66,7	13,3
225		3	3	2	2,666667	88,9	17,8
242		2	2	2	2	66,7	13,3
272		2	2	2	2	66,7	13,3
286		2	2	3	2,333333	77,8	15,6
292		2	2	2	2	66,7	13,3
325		2	2	2	2	66,7	13,3
327		2	2	2	2	66,7	13,3
437		2	2	2	2	66,7	13,3
439							
538		2	2	2	2	66,7	13,3
648		2	3	3	2,666667	88,9	17,8
683		2	2	2	2	66,7	13,3
713		2	2	2	2	66,7	13,3
756		2	3	3	2,666667	88,9	17,8
800		2	3	2	2,333333	77,8	15,6
809		2	2	2	2	66,7	13,3
823		2	2	2	2	66,7	13,3
839		2	2	2	2	66,7	13,3
841		2	2	2	2	66,7	13,3
852		2	2	2	2	66,7	13,3
855		3	3	3	3	100,0	20,0
857		2	2	2	2	66,7	13,3
939	I	2	2	3	2,333333	77,8	15,6

*aluna a recuperar de lesão

- ❖ **Lançamento do peso:** apoia o peso na base dos dedos, mais ou menos juntos; indicador, médio e anelar; coloca o peso junto à mandíbula, por baixo do queixo; realizar um movimento ativo com a perna livre, para trás e para cima, procurando um deslocamento rápido e rasante.
- ❖ **Corrida de barreiras:** transpõe a barreira sem alterar significativamente a sequência da corrida; perna de ataque semi-fletida com projeção frontal do joelho; após transpor a barreira, ataca o solo o mais rapidamente possível.
- ❖ **Salto em comprimento:** realiza a corrida progressivamente acelerada; eleva a perna livre; mantem o tronco perto da vertical e os braços devem anar de forma rápida, alternada e coordenada com as pernas.
- ❖ **Nível 1** - Não executa, não consegue cumprir os princípios básicos correspondentes a ação motora respetiva
- ❖ **Nível 2** - Executa, cumpre os princípios básicos da ação motora respetiva, mas com falhas
- ❖ **Nível 3** - Executa bem, satisfaz os requisitos básicos para um bom desempenho da ação motora

Anexo V – Ficha de registo de avaliação sumativa de atletismo

		Avaliação sumativa de ATLETISMO		ANO: 11.º		TURMA: B		DATA: 07 e 09/05/2012		
		N.º	NOME	Lançamento do Peso	Corrida de barreiras	Corrida de estafetas	Salto em altura	Salto em comprimento	Média	%
51		4	5	5	4	4	4	4,4	88,00	17,60
130		4	3	5	3	4	4	3,8	76,00	15,20
217		3	4	4	2	3	3	3,2	64,00	12,80
225		5	5	5		5	5	5	100,0	20,00
242										
272		3	4	4	3	4	4	3,6	72,00	14,40
286		5	4	4	4	5	5	4,4	88,00	17,60
292		4	5	5	5	4	4	4,6	92,00	18,40
325		4	3	5	4	5	5	4,2	84,00	16,80
327		4	4	55	5	4	4	14,4	288,0	57,60
437		5	4	4	4	5	5	4,4	88,00	17,60
439		5		4	4			4,333	86,67	17,33
558		4	5	5	3	5	5	4,4	88,00	17,60
648		5	5	5	5	5	5	5	100,0	20,00
683		5	5	4	5	5	5	4,8	96,00	19,20
713		4	4	4	4	4	4	4	80,00	16,00
756		4	4	5	5	5	5	4,6	92,00	18,40
800		5	5	5	5	5	5	5	100,0	20,00
809		3	4	5	5	4	4	4,2	84,00	16,80
823										
839		4	4	3	4	3	3	3,6	72,00	14,40
841		4	4	5	5	4	4	4,4	88,00	17,60
852										
855		5	5	5		5	5	5	100,0	20,00
857		4	4	5	4	4	4	4,2	84,00	16,80
939		5	4	4	3	4	4	4	88,00	17,60

* aluna a recuperar de lesão; ** aluno portador de atestado médico.

Nível I - Não realiza o gesto técnico; Nível II - Realiza o gesto técnico mas notam-se falhas evidentes na sua realização; Nível III - Realiza o gesto técnico com correção; Nível IV - Realiza o gesto técnico notando-se pequenas falhas na sua realização; Nível V - Realiza o gesto técnico com correção; Nível VI - Realiza o gesto técnico com correção.

❖ **Lançamento do peso:** apoia o peso na base dos dedos, mais ou menos juntos; indicador, médio e anelar; coloca o peso junto à mandíbula, por baixo do queixo; realizar um movimento ativo com a perna livre, para trás e para cima, procurando um deslocamento rápido e rasante.

❖ **Corrida de barreiras:** transpõe a barreira sem alterar significativamente a sequência da corrida; perna de ataque semi-fletida com projeção frontal do joelho; após transpor a barreira, ataca o solo o mais rapidamente possível.

❖ **Corrida de estafetas:** Transmissor: corte o mais rápido possível. Envia o sinal sonoro combinado. Transmite o testemunho para a mão oposta do seu companheiro. Transmite o testemunho num movimento rápido de trás para a frente e de baixo para cima. Movimento fluido e preciso. Recetor: Colocar-se na pista de forma correta. Começa a correr quando o colega passa a marca pré estabelecida. Estende a mão após o sinal dado pelo colega. Não diminui a velocidade na transmissão. Movimento fluido e preciso.

❖ **Salto em altura:** realiza a corrida em curva; eleva a coxa da perna mais próxima do colchão (perna livre); impulsão enérgica com a perna de impulsão; cai sobre a zona dorsal, afastando ligeiramente membros inferiores.

❖ **Salto em comprimento:** realiza a corrida progressivamente acelerada; eleva a perna livre; mantém o tronco perto da vertical e os braços devem atuar de forma rápida, alternada e coordenada com as pernas.

Anexo VI – Grelha de avaliação final referente ao 1.º período

Nº	NOME	DIMENSÃO COGNITIVA																	VALORES ATITUDES	INTERESSE E PARTICIPAÇÃO	ORGANIZAÇÃO E APLICAÇÃO	Auto-avaliação	% FINAL	NF 1P			
		ED. FÍSICA 2011/2012 1º PERÍODO ANO: 11.º TURMA: B																									
		ACTIVIDADES FÍSICAS																									
		70%																									
		Ginástica SOLO		Ginástica APARELHOS		Voleibol		Andebol		TT		APTIDÃO FÍSICA		TESTES ESCRITOS		0,025%		5,0%									
		1P	1	1P	2	1P	3	1P	4	1P	5	%	1P	15%	1P	%	1P	%	1P	%							
		21	120	30	150	28	187	33	189		0	161	5	167	145,0	159	5	200	5	200	4	160	17	161	16		
		29	166	45	200	21	140	29	166		0	168	6	200	145,0	166	5	200	4	160	4	160	16	166	17		
		22	126	33	147	21	140	28	160		0	143	5	167	138,5	144	5	200	4	160	4	160	14	146	15		
		0	0	0	0	30	200	33	189		0	194	6	200	153,0	188	5	200	5	200	4	160	19	187	19		
		25	143	24	120	26	173	33	189		0	156	5	167	130,0	152	5	200	4	160	4	160	16	154	15		
		0	0	30	133	20	133	29	166		0	144	5	167	126,5	142	5	200	4	160	4	160	15	145	15		
		31	177	35	175	30	200	33	189		0	185	6	200	172,0	184	5	200	5	200	5	200	19	185	19		
		28	160	0	0	0	0	0	0		0	160	6	200	136,5	158	5	200	5	200	4	160	17	160	16		
		23	131	34	151	21	140	29	166		0	147	6	200	157,0	152	5	200	5	200	5	200	15	156	16		
		27	154	38	169	30	200	32	183		0	177	6	200	173,0	177	5	200	5	200	4	160	16	178	18		
		29	166	37	185	28	187	33	189		0	181	6	200	139,0	175	5	200	5	200	4	160	18	176	18		
		0	0	0	0	0	0	0	0		0	0	0	0	171,0	171	5	200	5	200	4	160	17	172	17		
		23	131	34	170	26	173	32	183		0	164	5	167	140,0	160	5	200	5	200	4	160	16	162	16		
		33	189	39	195	27	180	33	189		0	188	6	200	173,0	188	5	200	4	160	4	160	18	185	19		
		0	0	0	0	0	0	0	0		0	0	0	0	0,0	0		0				0		0			
		28	160	43	191	24	160	29	166		0	169	6	200	135,0	165	5	200	5	200	5	200	14	169	17		
		30	171	0	0	30	200	34	194		0	189	6	200	145,0	182	5	200	5	200	4	160	19	182	18		
		30	171	38	190	30	200	33	189		0	188	6	200	135,0	179	5	200	4	160	4	160	17	179	18		
		22	126	0	0	21	140	27	154		0	140	6	200	131,0	142	5	200	4	160	4	160	14	145	15		
		0	0	0	0	30	200	33	189		0	194	6	200	172,0	191	5	200	5	200	4	160	19	190	19		
		18	103	30	133	20	133	27	154		0	131	5	167	126,0	132	5	200	4	160	4	160	14	136	14		
		24	137	43	191	29	193	34	194		0	179	5	167	172,0	177	5	200	5	200	4	160	17	177	18		
		26	149	32	160	26	173	32	183		0	166	5	167	171,0	167	5	200	5	200	4	160	18	168	17		
		32	183	40	200	30	200	35	200		0	196	6	200	158,0	190	5	200	5	200	4	160	18	189	19		
		30	171	44	196	24	160	29	166		0	173	6	200	138,5	169	5	200	5	200	4	160	16	170	17		
		28	160	34	170	27	180	33	189		0	175	6	200	149,0	172	5	200	5	200	4	160	18	173	17		
		35	200	45	200	30	200	35	200		0	200	6	200	200,0	200	5	200	5	200	5	200	5	200	200		

Anexo VIII – Ficha de registo dos Sumários das aulas

<p>Aula n.º: _____</p> <p>DATA: ___/___/___</p> <p>Sumário:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>Aula n.º: _____</p> <p>DATA: ___/___/___</p> <p>Sumário:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
<p>Aula n.º: _____</p> <p>DATA: ___/___/___</p> <p>Sumário:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>Aula n.º: _____</p> <p>DATA: ___/___/___</p> <p>Sumário:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
<p>Aula n.º: _____</p> <p>DATA: ___/___/___</p> <p>Sumário:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>Aula n.º: _____</p> <p>DATA: ___/___/___</p> <p>Sumário:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
<p>Aula n.º: _____</p> <p>DATA: ___/___/___</p> <p>Sumário:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>Aula n.º: _____</p> <p>DATA: ___/___/___</p> <p>Sumário:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>

Anexo IX – Ficha de registo de reuniões

DATA:	___/___/___
REUNIÃO:	
ASSUNTOS:	